

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

GUILHERME DEMARCHI SILVA

guilhermedemarchi@yahoo.com.br

ELEMENTOS
PARA UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA IDEOLOGIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Linguística

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientador: Prof. Dr. Antonio V. S. Pietroforte

SÃO PAULO

2010

GUILHERME DEMARCHI SILVA

**ELEMENTOS
PARA UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA IDEOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Linguística

Aprovado pela Banca Examinadora em __ / __ / 2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio V. S. Pietroforte – USP
Orientador

Prof. Dra. Diana L. P. de Barros – USP

Prof. Dr. Peter Dietrich – UniSant'Anna

*A meus pais, Angela e Geraldo,
por terem, em meio a tantos sacrifícios,
tornado possíveis meus estudos.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, por ter concedido à Humanidade o dom da ciência, para que pudéssemos ao menos esbarrar em seus mistérios e nos de sua criação;

À Imaculada, por estar sempre presente em minha trajetória;

A meus pais, que me permitiram o melhor que podiam me oferecer e aos quais devo aquilo que aprendi sobre a vida e a coragem para usufruí-la;

Ao meu orientador, Professor Antonio Vicente, que me acolheu em seu grupo de estudos e me instruiu durante este período, confiando em meu trabalho, corrigindo meus erros e mostrando meus acertos. Com ele aprendi o significado de “orientador”;

À Professora Diana, que, desde o seu curso o qual frequentei, auxiliou-me tanto na reflexão quanto à teoria semiótica, como quanto às questões sobre ideologia;

À Professora Esmeralda V. Negrão, que, durante um aconselhamento sobre pesquisa, incentivou-me a conhecer as pesquisas na área da semiótica;

Aos meus amigos, dos mais diversos lugares e círculos sociais, e a meus familiares, os quais, mesmo com as eventuais barreiras da distância, transmitiram-me seu apoio e solidariedade.

A consciência pode ser colocada a serviço da vida alienada, da mesma forma que pode visualizar a suplantação da alienação.

I. Mészáros

RESUMO

Este nosso trabalho pretende estudar a questão da ideologia presente em letras de rock brasileiro das décadas de 1980 e 1990, em que o país passava por transformações sociais que viriam a ter impacto no modo de pensar da população e em seu discurso. As análises foram feitas em dois blocos: o primeiro, que compreende *A canção do senhor da guerra*, *Múmias*, e *Era um garoto, que como eu*, retrata o tema da guerra; o segundo contém a análise de *Imorais*, *A indecência* e *Não há perdão para o chato*, compreendendo o tema da moralidade. Há, portanto, dois focos distintos, sendo o primeiro de cunho mais social e o segundo, de caráter mais intimista. Os dois abordam de diferentes formas o pensamento de uma época marcada pelo medo da guerra e pelas transformações advindas de uma nova moral que surge. Utilizamos, para as análises, a teoria semiótica greimasiana, e alguns de seus desdobramentos, como o fazer missivo e os estudos em extensividade e intensividade propostos por Claude Zilberberg em *Síntese da gramática tensiva*. A parte que enfatizamos na análise, entretanto, é o nível discursivo do texto, lugar das determinações ideológicas propriamente dito, como aponta José Luiz Fiorin, em *Linguagem e ideologia*.

Palavras-chave: Semiótica. Discurso. Ideologia. Rock brasileiro. Manipulação.

ABSTRACT

This work we present intends to study the question of ideology present in Brazilian Rock and Roll lyrics from the 1980s and 90s, a period when the country was passing by social changes that would impact both the way of thinking and the discourse of the population. The analyses were performed in two blocks: the first has the war as theme, and includes *A canção do senhor da guerra*, *Múmias*, and *Era um garoto, que como eu*; the second contains analyses of *Imorais*, *A indecência*, and *Não há perdão para o chato*, approaching the theme of morality. Thus, there are two distinct focuses, being the first of a more social nature, while the second presents a more intimate character. In different ways, both blocks approach the thought of an age marked by the fear of war and by the transformations originated from arising moral patterns. For the analyses, we have used the Greimasian semiotic theory and some of its ramifications, as the *faire missif* and the studies on extensiveness and intensiveness proposed by Claude Zilberberg in *Síntese da gramática tensiva*. Nevertheless, the part emphasized in the analysis is the discursive level of the text, spot of ideological determinations themselves, as pointed out by José Luiz Fiorin in *Linguagem e ideologia*.

Keywords: Semiotics. Discourse. Ideology. Brazilian Rock. Manipulation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 – SOBRE A IDEOLOGIA	14
1.1 – Palavras iniciais.....	14
1.2 – <i>O tempo não pára</i>	16
1.3 – A definição de ideologia.....	18
1.4 – A ideologia como produto social.....	19
1.5 – A ideologia e as classes sociais.....	21
1.6 – Grupos e classes sociais.....	24
1.7 – A complexidade da ideologia.....	26
2 – O NÍVEL DISCURSIVO	31
2.1 – <i>Fátima</i>	31
2.2 – A sintaxe discursiva.....	33
2.3 – A semântica discursiva.....	35
2.4 – Axiologia e ideologia.....	40
3 – O TEMA DA GUERRA	42
3.1 – Análise de <i>Múmias</i>	43
3.1.1 – Letra.....	43
3.1.2 – Nível discursivo.....	45
3.1.3 – Níveis intermediários.....	52
3.1.4 – Nível tensivo.....	55
3.2 – Análise de <i>A canção do senhor da guerra</i>	58
3.2.1 – Letra.....	58
3.2.2 – Nível discursivo.....	60
3.2.3 – Níveis intermediários.....	64
3.2.4 – Nível tensivo.....	69

3.3 – Análise de <i>Era um garoto, que como eu</i>	72
3.3.1 – Letra.....	72
3.3.2 – Nível discursivo.....	74
3.3.3 – Níveis intermediários.....	78
3.3.4 – Nível tensivo.....	83
4 – O TEMA DA MORALIDADE.....	87
4.1 – Análise de <i>A indecência</i>	88
4.1.1 – Letra.....	88
4.1.2 – Nível discursivo.....	89
4.1.3 – Níveis intermediários.....	97
4.1.4 – Nível tensivo.....	100
4.2 – Análise de <i>Imorais</i>	105
4.2.1 – Letra.....	105
4.2.2 – Nível discursivo.....	107
4.2.3 – Níveis intermediários.....	110
4.2.4 – Nível tensivo.....	112
4.3 – Análise de <i>Não há perdão para o chato</i>	115
4.3.1 – Letra.....	115
4.3.2 – Nível discursivo.....	118
4.3.3 – Níveis intermediários.....	122
4.3.4 – Nível tensivo.....	123
5 – QUESTÕES SOBRE MANIPULAÇÃO E FIDÚCIA.....	126
5.1 – Manipulação.....	126
5.2 – O contrato fiduciário.....	129
CONSIDERAÇÕES.....	132
REFERÊNCIAS	135

INTRODUÇÃO

A música está presente no cotidiano das pessoas, sob os mais diversos ritmos, nos mais diversos lugares, durante os mais diversos períodos de suas vidas. Ligamos os nossos momentos especiais a uma música específica e cantarolamos ou assoviamos algo quando estamos distraídos. Somos, de modo geral, sujeitos em conjunção com este objeto.

Em um país de tamanho continental e de gente diversificada, a expressão cultural encontrou riqueza incrível, não deixando de sofrer a música de variações que mostram a própria variação cultural: mpb, samba, pagode, axé, fandango, bossa-nova, funk, sertanejo, forró, baião, dentre tantos ritmos, e, no meio deles, o rock.

Vindo de uma cultura que não é brasileira, o rock encontrou em nosso país identidade própria. Ganhou novos acordes e arranjos, letras que vão do mais romântico ao mais ofensivo, adequou-se à língua, subiu ao palco dos cantores populares e ganhou espaço em uma sociedade que o acolheu como seu e passou a chamá-lo de “rock brasileiro”.

Estrelando no Brasil nos anos 60, encontrou seu início no país com Celly Campelo, Roberto Carlos, Erasmo, Wanderléa, e os Mutantes, numa época em que o começava também a Ditadura Militar no país, a qual silenciou suas letras que fossem consideradas subversivas.

Já na década de 70, o rock brasileiro tomou fôlego com Raul Seixas, com quem ganhou tom místico e reflexivo, perdurando estas composições nas rádios até os dias atuais. Encontra também a banda “Secos e Molhados”, com Ney Matogrosso à frente, sendo

considerado um rock “pesado” para sua época, dadas as letras que contestavam a Ditadura e a interpretação primorosa e visceral do vocalista.

Na década seguinte, o rock ganhou novos adeptos e novas bandas surgiram, como “Aborto Elétrico”, que se dividiria em “Legião Urbana” e “Capital Inicial”, “Kid Abelha”, “Heróis da Resistência”, “Biquini Cavado”, “RPM”, “Titãs”, “Barão Vermelho”, “Engenheiros do Hawaii” e “Nenhum de Nós”. A pluralidade destas bandas nasce em um momento que a Ditadura parecia mostrar sua ruína.

Durante o processo de transição democrática, nos anos 90, as mesmas bandas eram as que tocavam no rádio, produzindo músicas que refletiam o cotidiano das pessoas no Brasil e no mundo. A estas bandas somavam-se vozes solo, como “Cazuza”, “Leoni”, “Zélia Duncan” e “Cássia Eller”.

É deste período, dos anos 80 e 90, que escolhemos as letras de músicas que servirão de base a este nosso trabalho, as quais mostrarão predominantemente dois temas: o primeiro, da guerra, pois a sua produção se dá numa época de vigência da Guerra Fria, sob a lembrança, ainda, de duas guerras mundiais e da Guerra do Vietnã. O medo de uma nova guerra mundial era latente e encontrou na música do período um modo de expressão.

O segundo tema, o da moralidade, mostra uma época de transformação de valores não só sociais, mas também de valores morais, como reflexo da liberação sexual dos anos 60, e ainda como manifestação pessoal da transição de um regime totalitário para um regime democrático.

O nosso objeto de estudo não é o rock, entretanto, mas a ideologia presente nas letras escolhidas, a qual pretendemos mostrar nos mecanismos de construção do discurso, o qual mostrará pensamentos divergentes e grupos sociais opostos.

A ideologia, este universo de valores que influencia qualquer ação humana, será apreendida dos textos de forma a mostrar como retrata o mundo que o sujeito tem à sua volta, estabelecendo valores positivos e negativos e categorizando este mundo de acordo com tais valores.

Para sua análise, nos serviremos dos estudos de Marilena Chauí, em *O que é ideologia*, e de István Mészáros, segundo o exposto em *Poder e ideologia*. Para os modelos de análise semiótica, nos valeremos do que foi condensado pelo próprio iniciador da teoria, A. Greimas, juntamente com Courtés, no *Dicionário de semiótica*.

Estes modelos, fundamentais para o próprio desenvolvimento da semiótica, sofreram, no decorrer dos anos, modificações e avanços, os quais também utilizaremos em nossas análises.

Levantado por Fiorin em *Linguagem e ideologia* que o campo de ação propriamente dita da ideologia no discurso é a semântica discursiva, utilizaremos esta obra sua como guia em nosso percurso.

Entenderemos, para fins didáticos, o texto compreendido em três fases: o nível mais superficial, ou discursivo; os níveis intermediários, que, em nossa análise, abarcam o modal e o missivo, segundo o modelo de Zilberberg em *Para introduzir o fazer missivo* e o

narrativo, segundo o modelo de Greimas & Courtés (op. cit.); e o nível tensivo, que compreende os modelos de Greimas & Courtés (op. cit.) e Zilberberg, como exposto em *Síntese da gramática tensiva*.

Faremos, ao final do trabalho, uma breve explanação sobre os aspectos da ideologia em relação à fúcia, tendo como modelo o de Fontanille & Zilberberg em *Tensão e Significação*.

Também nos auxiliaram outras obras de referência, as quais citaremos nas referências bibliográficas.

1 – SOBRE A IDEOLOGIA

1.1 – Palavras iniciais

Não conseguiríamos mensurar quantas pesquisas no mundo trataram da ideologia. No máximo, chegaríamos a levantar quantas foram mais relevantes, o que, no entanto, não é o intuito de nossa pesquisa.

O fato é que outros antes de nós, motivados por motivos vários, estudaram a ideologia, abordando-a de diversas maneiras, sob diversas óticas e perspectivas, gerando as mais diversas definições.

Nem todas estas definições, entretanto, são relevantes, ou mesmo compatíveis com nosso trabalho. Para isto, partiremos de uma definição de ideologia que seja compatível com o intuito de nossa análise, isto é, que defina um objeto possível de ser analisado por nossa “ferramenta”, a semiótica, sem que fira o desenvolvimento teórico desta.

Optamos, entretanto, em buscar soluções seguindo uma linha tendente à teoria marxista, ao menos inicialmente, por motivos que explicaremos: segundo a linha de análise marxista, a sociedade capitalista é uma sociedade dividida em classes, sendo que uma exerce dominação sobre as demais, tendo, como um dos principais instrumentos de dominação a ideologia.

Desta forma, pretendemos, no que for possível, avançar também no

desenvolvimento de um estudo que contribua para a sociedade de forma a demonstrar tal dominação e os meios pelos quais esta se dá, mais especificamente no referente à ideologia, ou seja, quais os mecanismos que esta utiliza para se promover, como tais mecanismos se relacionam e quias as implicações disto no que chamaremos de “macro-texto social”, isto é, a vida social enquanto unidade de análise semiótica.

Um segundo motivo é a forma de pensar dialeticamente das teorias marxistas. Segundo tal forma de pensar, os elementos do mundo estão em constantes transformações, sempre geradas pela negação de um elemento, isto é, ao elemento (tese) opõe-se sua negação (antítese), que resultarão em um novo elemento, a síntese, que, não sendo nenhum dos dois anteriores, apresenta características deles.

Esta forma de pensar o mundo, em constante transformação, é, ao nosso ver, condizente com o teoria semiótica, que aponta, no percurso gerativo do sentido, um sujeito em transformação, que sai de seu estado inicial e atinge um outro, numa série de transformações que envolvem os contrários e contraditórios do estágio inicial.

Há, ao nosso ver, inicialmente, uma certa confluência entre as duas teorias, que nos permite, em certos aspectos, aproveitá-las conjuntamente e de forma produtiva para tratarmos da ideologia.

Para desenvolver melhor as reflexões sobre ideologia, utilizaremos, como exemplo, a letra de *O tempo não pára*, de Cazuza.

1.2 – O tempo não pára

Disparo contra o sol

Sou forte, sou por acaso

Minha metralhadora cheia de mágoas

Eu sou o cara

Cansado de correr na direção contrária

Sem pódio de chegada ou beijo de namorada

Eu sou mais um cara

Mas se você achar

Que eu tô derrotado

Saiba que ainda estão rolando os dados

Porque o tempo, o tempo não pára

Dias sim, dias não

Eu vou sobrevivendo sem um arranhão

Da caridade de quem me detesta

A tua piscina tá cheia de ratos

Tuas ideias não correspondem aos fatos

O tempo não pára

Eu vejo o futuro repetir o passado

Eu vejo um museu de grandes novidades

O tempo não pára

Não pára, não, não pára

Eu não tenho data pra comemorar

Às vezes os meus dias são de par em par

Procurando agulha no palheiro

Nas noites de frio é melhor nem nascer

Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer

E assim nos tornamos brasileiros

Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro

Transformam o país inteiro num puteiro

Pois assim se ganha mais dinheiro

A tua piscina tá cheia de ratos

Tuas ideias não correspondem aos fatos

O tempo não pára

Eu vejo o futuro repetir o passado

Eu vejo um museu de grandes novidades

O tempo não pára

Não pára, não, não pára

1.3 – A definição de ideologia

Como a sociedade global, nos dias atuais é toda ela capitalista, apesar de focos de resistência e crítica a este sistema econômico, a ideologia da classe dominante, isto é, a ideologia dominante, encontra-se presente nas demais classes, dominadas, também de forma global.

Os textos produzidos por tais classes, ainda que discordantes da ideologia dominante, teriam, mesmo assim, algo dela, visto que, para que haja discordância é preciso admitir a existência daquilo do qual se discorda. Estariam, tais textos, não promovendo a ideologia dominante, mas ainda assim estariam inseridos em uma dinâmica social mergulhada nesta ideologia, fazendo-os, desta forma, também inseridos em tal ideologia, embora dela não promotores nem concordantes, ainda que representantes de ideologias contrárias à dominante.

Utilizaremos, portanto, a definição de ideologia como sendo: o universo de ideias e valores de determinada classe social. Admitimos como dominante a ideologia da classe dominante, que, na atual sociedade capitalista, consideramos presente também nas classes dominadas, de forma a garantir a própria dominação. Partiremos, assim, da própria definição de Fiorin (2007, p. 32) para a análise dos textos.

Em nossa análise utilizaremos também a ideia de grupo social, como definido, sempre que não for necessário definir à qual classe social pertence uma ou outra ideologia, o que seria um trabalho, talvez, para além deste estudo. Desta forma, nossa análise pode se centrar nos mecanismos que formam o sentido do discurso e na transmissão da ideologia por este mesmo discurso.

1.4 – A ideologia como produto social

Parece-nos relevante o fato de a ideologia muitas vezes passar despercebida na vida comum. Pensamos sobre as coisas as quais temos acesso, sobre nosso trabalho, nossos estudos, nossas projeções de futuro, etc. Poucas vezes, entretanto, pensamos sobre o próprio pensar, sobre a origem das ideias que temos e sobre como as transmitimos.

Talvez por isso, a ideologia passe despercebida e, com ela, tudo o que dela provém. Nas visões de mundo, nas discussões para definir qual time de futebol é melhor que o outro, qual é o ídolo do momento, até nas mais complexas questões de Estado, aí está a ideologia.

Se ela passa despercebida, também sua origem não nos é posta aos olhos de maneira imediata. Entretanto, ela surge, como mostra Chauí, das relações sociais, ou seja, é um produto gerado pelo meio social em que vivem os indivíduos que possuem uma relação comunicativa uns com os outros:

Iremos ver, a seguir, que a ideologia não é sinônimo de subjetividade oposta à objetividade, que não é pré-conceito nem pré-noção, mas que é um “fato” social justamente porque é produzida pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar, não sendo um amontoado de idéias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das idéias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas as relações sociais. (CHAUI, 1984, p. 31)

Podemos entender, assim, que, segundo a autora, o surgimento da ideologia se dá de forma histórica, ou seja, a partir da complexa evolução social, na qual as relações sociais são os elementos que determinarão a forma da ideologia, seus aspectos, suas ações.

Também o pensamento de Mészáros (2004, p. 65) ratifica nosso entendimento, ao dizer que *na verdade, a ideologia não é ilusão nem superstição religiosa de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada. Como tal, não pode ser superada nas sociedades de classes.*

Ainda, Chauí também atenta para o fato de que as relações sociais, e nisto está incluído o modo econômico de produção, definem a realidade do próprio ser humano:

Os homens, escrevem Engels e Marx, se distinguem dos animais não porque tenham consciência (como dizem os ideólogos burgueses), mas porque produzem as condições de sua própria existência material e espiritual. São o que produzem e são como produzem. (CHAUI, 1984, p. 60)

A implicação disto é que a ideologia não é, portanto, somente produto do meio social, mas é, ao mesmo tempo, produtora deste mesmo meio social. Uma vez criada, passa a nortear o posicionamento dos indivíduos da sociedade em questão para entenderem seu passado, interpretarem seu presente e preverem seu futuro, segundo a visão de mundo que possuem.

1.5 – A ideologia e as classes sociais

A questão da ideologia não poderia deixar de levar em consideração o fato de a sociedade capitalista ser uma sociedade de classes. Isto se tornará preponderante para entendermos, futuramente, as questões de dominação, denúncia, contestação, apontadas pelos textos que analisaremos.

Aponta Marilena Chaui (op. cit., p. 77):

A história são “os indivíduos fazendo-se uns aos outros, tanto física quanto espiritualmente”. Este “fazer-se-uns-aos-outros” é a praxis social e significa: 1) que as classes sociais não estão feitas e acabadas pela sociedade, mas que estão se fazendo umas às outras por sua ação e que esta ação produz o movimento da sociedade civil; 2) que o conjunto das práticas sociais, tanto materiais quanto espirituais, fazendo os indivíduos existirem como seres contraditórios, os faz membros de uma classe social, isto é, participantes de formas diferenciadas de existência social, determinadas pelas relações econômicas de produção, pelas instituições sócio-políticas e pelas ideias ou representações. O sujeito da história, portanto, são as classes sociais.

De acordo com tal pensamento, podemos inferir que, havendo classes sociais, e, sendo os indivíduos membros de uma determinada classe, a ideologia, uma vez produto social, determina não somente a visão de mundo de modo geral, mas seja, ao mesmo tempo reflexo de tais classes, isto é, da visão de mundo inerente a cada classe social, e sendo mantenedora e agente atualizador desta mesma visão de mundo, em suma, da própria divisão da sociedade em classes sociais. Segundo Marilena Chaui (op. cit., 87), o que torna possível a ideologia é a luta de classes, a dominação de uma classe sobre as outras.

A letra *Ideologia*, de Cazusa, nos diz:

Eu vejo o futuro repetir o passado

Eu vejo um museu de grandes novidades

O tempo não pára

Não pára, não, não pára

Antes que entremos numa análise mais profunda das letras de música selecionadas, o que faremos em capítulos subsequentes, podemos apontar aqui, em linhas mais gerais, que a visão de mundo do sujeito do texto é refletida em seu discurso.

A visão de que a história se repete, de que as coisas são sempre as mesmas, de que o tempo, apesar disto, é contínuo, tudo isto mostra parte da ideologia a que está vinculado. Esta letra de Cazuza possui forte caráter de denúncia social. O narrador contesta o status quo da sociedade em que vive.

Nas noites de frio é melhor nem nascer

Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer

E assim nos tornamos brasileiros

Tais versos demonstram que o sujeito social pode, segundo sua visão de mundo, dentro da ideologia a que está ligado, não concordar com os fatos sociais a que está exposto. A ideologia, é, então, complexa, isto é, possui um jogo de valores que serão apontados como positivos ou negativos a respeito de determinada coisa. Isto mostraremos mais a diante, quando falarmos de foria e sua articulação nos textos.

A ideologia pode, ainda, compreender uma visão a respeito do próprio sujeito e das suas relações com o mundo e outros sujeitos sociais:

Eu sou um cara

Cansado de correr

Na direção contrária

Sem pódio de chegada ou beijo de namorada

Eu sou mais um cara

Ao nos falar que corre na “direção contrária”, acaba por fixar uma direção que seria “correta”. Isto implica que há aqui, neste texto, uma valoração acerca do que é certo e do que é errado. Se pensarmos que os conceitos de certo e de errado são definidos em uma relação, ou seja, é certo em relação a algo, ou errado em relação a algo, podemos inferir que a os valores aqui dispostos mostram-se complexos, isto é, numa visão de mundo contrária a deste sujeito, os valores seriam também contrários.

Relacionando isto com o fato de a ideologia ser gerada dentro das classes sociais, da maneira como elas a produzem, entendemos não só que os valores de certo e errado, ou de bom e ruim, por exemplo, são também gerados internamente às classes sociais, mas entendemos ainda que as visões de mundo, a ideologia, de uma classe social em relação à de outra pode ser antagônica, contrária, contestando, entre si, seus respectivos valores.

1.6 – Grupos e classes sociais

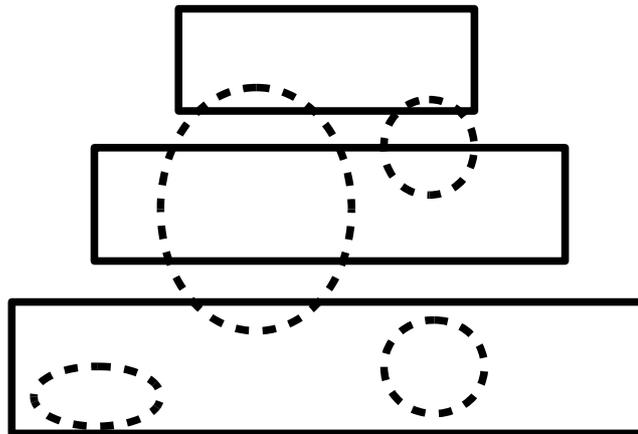
Um estudo que pretenda abordar alguma questão sobre a sociedade pode, de acordo com seu objeto de estudo, ponto de vista e metodologia em que se baseia, adotar alguns recortes, afim de melhor analisar as questões a que se propõe.

Neste sentido, no item anterior, adotamos como forma de análise da sociedade a divisão destas em classes sociais. No entanto, poderíamos adotar outro recorte, o de grupo social.

Diferentemente das classes sociais, uma categorização que leva em consideração a renda e a propriedade dos meios de produção, admitindo, assim, necessariamente, uma hierarquia social, em que cada parte, dominante ou dominada, possui características que unem os indivíduos segundo o trabalho, a ideia de grupo social mostra-se mais flexível, por admitir, teoricamente, como característica de cada grupo, as mais diversas características comuns.

Um grupo social, portanto, pode admitir em seu universo indivíduos de diversas classes sociais, dependendo da característica que adota como comum. Um grupo social que seja definido pelo fator de seus indivíduos torcer por um determinado time de futebol, por exemplo, abrange pessoas de diferentes classes sociais.

De forma parecida, uma determinada classe social pode ter em seu conjunto de indivíduos, um ou mais grupos sociais, a depender do critério por estes adotados para sua definição. Podemos, desta forma, representar classes e grupos sociais graficamente do seguinte modo:



Neste exemplo, representamos as classes sociais em retângulos e os grupos sociais em formas arredondadas. Pretendemos mostrar, nesta representação, o caráter de dominação de uma classe sobre outra, e o fato de, numa sociedade capitalista, como a que deu origem aos textos que analisaremos, as classes dominantes terem menos indivíduos que as dominadas.

As formas redondas, indicando os grupos sociais, indicam que uma classe pode comportar mais de um grupo social, do mesmo modo que um determinado grupo pode abranger indivíduos de mais de uma classe, ou, até mesmo, ser coincidente com a própria classe social.

Nesta pesquisa, usaremos os dois conceitos: o de classe social, para indicar uma camada da sociedade que é definida conforme seus modos de produção, ou seja, a propriedade ou não dos meios de produção, em conjunto com a renda que possuem; e o de grupo social, para indicar um conjunto de indivíduos que possuem alguma característica em comum.

1.7 – A complexidade da ideologia

Se considerarmos que a ideologia a tudo perpassa, teremos de reconhecer que nossos valores, nossos desejos, nossas relações sociais, enfim, toda nossa visão de mundo, é por ela condicionado, ou, ao menos, influenciado.

Segundo Mészáros:

No entanto, a verdade é que em nossas sociedades tudo está “impregnado de ideologia”, quer a percebamos, quer não. Além disso, em nossa cultura liberal-conservadora o sistema ideológico socialmente estabelecido e dominante funciona de modo a apresentar – ou desvirtuar – suas próprias regras de seletividade, preconceito, discriminação e até distorção sistemática como “normalidade”, “objetividade” e “imparcialidade”. (MÉSZÁROS, 2004, p. 57)

Neste aspecto, talvez a letra de Cazuza, acima apresentada, nos mostre que seu sujeito acata a ideologia dominante, ao menos em parte, uma vez que sua “direção contrária” se estabelece em contraposição com uma ideia de normalidade que ele mesmo não defende conscientemente, mas que está em seu discurso como mostra de sua visão de mundo.

Isto nos mostra um pouco do poder da ideologia de transpassar sua classe social de origem e atingir uma outra, ou, neste caso mais específico, fazendo ainda mais: um sujeito que a contesta utiliza-se de normatizações advindas dela própria.

A ideologia é, portanto, algo complexo, uma vez que pode se tornar imperceptível, inclusive para quem dela discorda. O sujeito da música de Cazuza mostra não partilhar das

ideias dominantes na sociedade em que vive. Entretanto, sem que perceba, transparece em seu discurso parte da visão de mundo de tal sociedade, no mesmo instante em que ele a contesta.

Tal complexidade deriva das relações sociais, ou seja, sendo as relações sociais complexas, também é a ideologia, uma vez que o fenômeno da comunicação não depende classes sociais para acontecer, mas dependendo do modo como tais classes produzem sua comunicação entre seus membros, ou entre membros de classes diversas, a ideologia perpassa barreiras sociais, sendo adotada por classes que não a produziu originariamente.

As idéias podem parecer estar em contradição com as relações sociais existentes, com o mundo material dado, porém essa contradição não se estabelece realmente entre as idéias e o mundo, mas é uma consequência do fato de que o mundo social é contraditório. Porém, como as contradições reais permanecem ocultas (são as contradições entre as relações de produção ou as forças produtivas e as relações sociais), parece que a contradição real é aquela entre as idéias e o mundo. (CHAUI, 1984, p. 66)

Não é de se estranhar portanto que o discurso de *Ideologia* reflita a ideologia a que ele mesmo reage. Há, em seu interior a contestação contra o status quo, mas há, também, um inconsciente alinhamento à visão de mundo de sua sociedade, visto que o processo de formação do indivíduo, enquanto sujeito social, pressupõe a comunicação com seus iguais, e, conseqüentemente, a transmissão e trâmite das ideias em jogo.

A respeito disto, afirma Mézáros que:

Sua persistência se deve ao fato de ela ser constituída objetivamente (e constantemente reconstituída) como consciência prática inevitável das sociedades de classe relacionada com a articulação de conjunto de valores e estratégias rivais que tentam controlar o metabolismo social em todos os seus aspectos. (MÉSZÁROS, 2006, p. 65)

Se é, portanto, conhecida pelos sujeitos sociais como uma consciência que é, ao mesmo tempo *prática e inevitável*, a ideologia é francamente aceita sem contestação, visto que, segundo ela própria, não existiria alternativa ao seu conjunto de ideias e pensamentos.

Continua Cazusa, mostrando que:

Tuas idéias não correspondem aos fatos

Há o reconhecimento, portanto, de um sujeito social, de que existe um universo de ideias que não corresponde à sociedade por ele vivenciada. Existe, portanto, conjuntamente com sua contaminação inconsciente pela ideologia a que se opõe, uma aceitação, ou seja, uma contestação, não-concordância com as ideias dominantes. Fica estabelecido, assim, num mesmo discurso, um conflito.

Tal conflito, aparentemente discursivo, aponta exatamente para dois sentidos: o primeiro, de que há um conflito social que aqui se representa, isto é, duas classes sociais em luta. O segundo, de que tal luta admite que o sujeito tenha uma, ao menos parcial e inconsciente, adesão à ideologia dominante, sem que com isso torne inválida a luta estabelecida socialmente e discursivamente.

Isto vem do fato de que:

Os interesses sociais que se desenvolvem ao longo da história e se entrelaçam conflituosamente manifestam-se, no plano da consciência social, na grande diversidade de discursos ideológicos relativamente autônomos (mas, é claro, de modo algum independentes), que exercem forte influência sobre os processos materiais mais tangíveis do metabolismo social. (MÉSZÁROS, idem)

Estes interesses sociais, de que fala Mézáros, os quais estão socialmente em conflito, ao aparecerem conjuntamente no discurso, nos revelam uma outra face da ideologia. Tal face é aquela que a caracteriza como uma estrutura racional que não pode ser intrinsecamente perfeita, ou seja, deve admitir, em seu interior, sob risco de colocar em xeque sua própria existência, relações que garantam um discurso coeso, mas que não precise explicar suas contradições internas.

Para Chauí,

Na qualidade de corpo teórico e de conjunto de regras práticas, a ideologia possui uma coerência racional pela qual precisa pagar um preço. Esse preço é a existência de “brancos”, de “lacunas” ou de “silêncios” que nunca poderão ser preenchidos sob pena de destruir a coerência ideológica. O discurso ideológico é coerente e racional porque entre suas “partes” ou entre suas “frases” há “brancos” ou “vazios” responsáveis pela coerência. Assim, ela é coerente não apesar das lacunas, mas por causa e graças às lacunas. (...) Se dissesse tudo, se quebraria por dentro. (CHAUI, 1984, p. 115)

O fato de possuir, obrigatoriamente, lacunas, explica o porquê de o sujeito de *Ideologia* estar imenso tanto em contestações à ordem social estabelecida, quanto em uma razão que, em análise mais profunda, é justamente a que ele busca combater.

Há, assim, a possibilidade de um mesmo discurso, dado a complexidade da

ideologia, abarcar em si os conflitos que, em última análise, correspondem aos conflitos sociais presentes na sociedade que produz tal discurso.

Tal possibilidade se estende, pelo motivo de ser o discurso coeso - embora nem sempre coerente - e verossímil com a realidade social, aos conflitos que tem início no próprio discurso. Sem esquecer que o sujeito social promove, pela comunicação e interação, a história do meio em que vive, as mudanças sociais iniciam-se nas relações sociais, ou seja, o movimento contínuo e dialético da história é desencadeado pelos sujeitos sociais, que se inter-relacionam através da linguagem, através do discurso.

A ideologia, presente no discurso, é transmitida, mas, antes disto, pode ser, de acordo com as relações sociais em questão, e das práticas e vivências do sujeito social, modificada, atualizada, sem que, para isto, seja necessário que tal sujeito esteja consciente da existência da ideologia.

2 – O NÍVEL DISCURSIVO

O nível discursivo, ao compreender a parte superficial e mais perceptível do discurso, possui, dentre outros elementos, as marcas da enunciação pressuposta, os temas e figuras, e os mecanismos que geram o efeito de subjetividade e o de objetividade.

2.1 – *Fátima*

Para melhor ilustrar, utilizaremos a letra de *Fátima*, que segue abaixo:

Vocês esperam uma intervenção divina

Mas não sabem que o tempo agora está contra vocês

Vocês se perdem no meio de tanto medo

De não conseguir dinheiro pra comprar sem se vender

E vocês armam seus esquemas ilusórios

Continuam só fingindo que o mundo ninguém fez

Mas acontece que tudo tem um começo

Se começa um dia acaba, eu tenho pena de vocês

E as ameaças de ataque nuclear

Bombas de neutrons não foi Deus quem fez

Alguém, alguém um dia vai se vingar

Vocês são vermes, pensam que são reis

Não quero ser como vocês

Eu não preciso mais

Eu já sei o que eu tenho que saber
E agora tanto faz
Três crianças sem dinheiro e sem moral
Não ouviram a voz suave que era uma lágrima
E se esqueceram de avisar pra todo mundo
Ela talvez tivesse um nome e era: Fátima
E de repente o vinho virou água
E a ferida não cicatrizou
E o limpo se sujou
E no terceiro dia ninguém ressuscitou

2.2 – A sintaxe discursiva

A enunciação projetada, no discurso, categorias de pessoa, lugar e tempo, as quais são mostradas, no nível superficial, como um “eu-aqui-agora” que reproduz o próprio momento da enunciação (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 111). A esta operação dá-se o nome de “debreagem”.

A debreagem pode repetir no discurso as condições próprias da enunciação, sendo, neste caso, “enunciativa”, deixando marcas visíveis do momento de produção do discurso, isto é, fazendo aparecer com clareza a pessoa (eu), o lugar (aqui) e o tempo (agora) da enunciação. Isto pode ser visto nos versos abaixo:

Vocês esperam uma intervenção divina

Mas não sabem que o tempo agora está contra vocês

A palavra “vocês”, por nós grifada, refere-se a um “tu”, que, no discurso é gerado por oposição ao “eu”. A presença deste “tu” nos versos aponta automaticamente para a presença do “eu”, fazendo com que, devido às diferenças que a semântica discursiva mostrará entre os dois, sejam mostrados dois grupos sociais distintos: um a que pertence o narrador e outro, a que pertence “vocês”.

Pode, também, ser do tipo “enunciativa”, quando, ao invés de se remeter à enunciação, remete-se ao próprio enunciado, disfarçando as marcas daquela, e imprimindo no discurso uma não-pessoa ou não-eu (ele), um não-lugar ou não-aqui (lá) e um não-tempo ou não-agora (então).

Admitindo apenas os versos finais da letra, deixando-se de lado o início, em que ocorrem as debreagens enunciativas, podemos ver um exemplo de debreagem enunciativa:

E de repente o vinho virou água

E a ferida não cicatrizou

E o limpo se sujou

E no terceiro dia ninguém ressuscitou

Não é marcado, neste trecho, um “eu”, nem um “tu”, mas só há referência a um “ele”, isto é, ao assunto de que se fala. Isto faz gerar no texto efeito de objetividade, enquanto que as ocorrências de debreagens enunciativas darão um efeito de subjetividade.

Tanto nos textos em que predominam as debreagens enunciativas como naqueles em que o predomínio é das enuncivas, a ideologia estará à mostra, sendo, no primeiro caso, referente a um dos grupos sociais mostrados pelas marcas da enunciação. No segundo caso, apesar de também à mostra, esta se dará com efeito de objetividade, sendo retratada uma ideologia com aspecto de verdade estabelecida.

Para além destas duas operações está a embreagem, que ocorre quando o enunciador organiza o discurso de modo a apresentar-se como não-pessoa. Esta, entretanto, não ocorre nos textos que analisaremos, ficando, assim, por nós dispensado se detalhamento.

2.3 – A semântica discursiva

Vimos que a sintaxe discursiva encarrega-se de estabelecer, por meio de *debreagens* enunciativas, marcações que delimitam, no texto, os grupos sociais. Com as *debreagens* enuncivas, embora as marcações de um enunciador e enunciatário estejam mascaradas, o enunciador está pressuposto e, valendo-se de uma estratégia discursiva para gerar efeito de objetividade, apaga as marcas de pessoa, tempo e espaço, mas deixa impressos julgamentos de valores que faz dos elementos por ele abordados em seu discurso.

O discurso, além de sua organização sintática, possui também uma organização semântica, isto é, para ser concretizado, utiliza-se de temas e figuras para se realizar.

Segundo o *Dicionário de Semiótica* (2008, p. 495), o tema pode ser definido como *a disseminação, ao longo dos programas e percursos narrativos, dos valores já atualizados (vale dizer, em junção com os sujeitos) pela semântica narrativa*. O tema expõe o conteúdo do discurso de forma mais abstrata.

Por outro lado, as figuras, definidas pelo mesmo dicionário (op. cit., p. 209) como *sendo as figuras do conteúdo que correspondem às figuras do plano da expressão da semiótica natural (ou do mundo natural)*, expõem o conteúdo do discurso de forma mais icônica, concreta.

Temas e figuras compõem, portanto, a semântica discursiva de maneiras diferentes, isto é, a figura é um elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural, enquanto que o tema, a um elemento não-presente, mas que categoriza os fatos

observáveis (FIORIN, 2007, p. 24). A diferença reside, assim, no grau de concretude, numa escala que vai do mais concreto ao mais abstrato.

Não há textos exclusivamente figurativos ou exclusivamente temáticos. O efeito de concretude de um texto é dado pela predominância de temas ou figuras. Vale ressaltar que, por detrás de toda organização figurativa existe uma organização temática, pois, para ser compreendido, o figurativo precisa ser assumido por um tema, que dá sentido e valor às figuras (BERTRAND, 2003, p. 213).

Vejamos os versos finais de *Fátima*:

Três crianças sem dinheiro e sem moral

Não ouviram a voz suave que era uma lágrima

E se esqueceram de avisar pra todo mundo

Ela talvez tivesse nome e era: Fátima

E de repente o vinho virou água

E a ferida não cicatrizou

E o limpo se sujou

E no terceiro dia ninguém ressuscitou

Há, neste trecho, vários elementos semânticos que remetem a elementos presentes no mundo natural, como “crianças”, “dinheiro”, “voz”, “lágrima”, “vinho”, “água”, “ferida”, etc. Tais elementos são figuras presentes neste discurso.

E há, neste trecho, junto com as figuras, elementos que nos remetem a categorias

ordenadoras do mundo natural, isto é, aos temas, como “moralidade”, “sofrimento” e “degradação”. Tais temas são apresentados pelas relações criadas entre as figuras apresentadas.

“Três crianças sem dinheiro e sem moral” nos remete ao tema da pobreza e degradação social, podendo “moral” ser visto não em seu sentido de “reputação social”, mas à “moralidade”; “lágrima” e “ferida” mostram o tema do sofrimento; enquanto que as figuras dos quatro últimos versos, ao mostrarem um percurso involutivo, remetem ao tema da degradação.

Note-se que as figuras e os temas são organizados em um texto de modo a gerar sentido. Tal organização ocorre por meio de recorrência de traços de sentidos, os semas, isto é, por meio de uma isotopia (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 276).

O conceito de isotopia pode ser estendido (op. cit., p. 276) para a iteratividade e recorrência de unidades linguísticas, manifestadas ou não, tanto do plano da expressão como do conteúdo, como trata Rastier em sua *Sistemática das isotopias* (RASTIER, 1976)

Neste nosso trabalho, entretanto, restringiremos o conceito de isotopia à recorrência de traços de sentidos dada por temas e figuras, ou ainda, às *isotopias semiológicas* da tipologia de Rastier (op. cit., p. 101).

Ao considerarmos que o discurso é sempre coletivo, ou seja, traz em si valores e elementos de discursos anteriores, os quais determinam os elementos semânticos utilizados nos discursos atuais, temos que o lugar propriamente dito da ideologia no discurso é a

semântica discursiva (FIORIN, 2007, p. 19).

De acordo com o mesmo autor,

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem idéias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo e aprendizagem linguística. (FIORIN, 2004, p. 32)

Podemos pegar emprestado o conceito de *competência enciclopédica* de Maingueneau (2008, p. 42) para entender a ideia de que o discurso é sempre coletivo.

Referindo-se à competência enciclopédica como “conhecimento do mundo”, diz:

Esse conjunto virtualmente ilimitado de conhecimentos, o saber enciclopédico, varia evidentemente em função da sociedade em que se vive e da experiência de cada um. Ele se enriquece ao longo da atividade verbal, uma vez que tudo o que se aprende em seu curso fica armazenado no estoque de conhecimento e se torna um ponto de apoio para a produção e a compreensão de enunciados posteriores.

A determinação lançada sobre a semântica discursiva, isto é, quais figuras são utilizadas no discurso, quais temas são nele veiculados e quais valores são dados a este ou aquele elemento, dependem das determinações sociais em que se dá a produção de tal discurso.

Se, para Maingueneau, a dependência se dá em razão da sociedade produtora do discurso, aprofundaremos um pouco mais ao afirmar que a dependência se dá em razão da percepção e da consciência de classe do enunciador, referentes da classe ou grupo social a que se vincula e a que se percebe pertencente.

Queremos dizer com isto que, dentro de uma mesma sociedade, ao existirem classes e grupos sociais distintos, as determinações sociais que incidirão na semântica discursiva serão variadas em maior ou menor grau. Mas não só: mesmo pertencente a uma dada classe ou grupo social, o enunciador poderá adotar em seu discurso valores advindos de uma classe ou grupo social que não seus, até mesmo daqueles que, numa análise sociológica, estariam em conflito, numa relação polêmica.

2.4 – Axiologia e ideologia

O universo de valores morais, lógicos e estéticos, a axiologia (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 48), passa ao discurso de forma atualizada, ou seja, articulada sintagmaticamente, tornando-se ideologia. Ainda de acordo com os autores (op. cit., p. 253), os valores axiológicos são atualizados em ideologia por sujeitos, individuais ou coletivos, modalizados, isto é, aptos a *fazer* por meio de um *querer-ser* e um *querer-fazer*.

Se o *querer-fazer* aponta para a dimensão pragmática do sujeito, fazendo-o agir para atualizar a axiologia em ideologia em seu discurso, o *querer-ser* remete a uma dimensão de estado do sujeito, o qual passa a assumir os valores axiológicos, absorvendo-os, tomando-os para si, para daí manifestá-los em seu discurso.

Pode-se aferir, entretanto, que o universo de valores a ser transformado em ideologia pode ser aquele de uma classe social ou grupo social antagônicos do ponto de vista sociológico.

O *querer-ser* necessário ao sujeito para *fazer* a atualização da axiologia em ideologia estaria, desta forma, ligado à percepção e à consciência de classe deste mesmo sujeito, podendo este assumir para si valores que, na sociedade, estão com sua classe ou grupo social originários em relação polêmica, num processo que Chauí, retomando Gramsci chamará de hegemonia (CHAUI, 1984, p. 97).

Quando falamos que, no modo de produção capitalista, a ideologia dominante é a ideologia burguesa, estamos admitindo uma relação de dominância, e não de exclusividade, o

que nos permite ver como possível que o mesmo sujeito admita elementos de ideologias diversas.

A semântica discursiva é, nos dizeres de Fiorin (2007, p. 19), *o palco da determinação ideológica propriamente dita*, constituída, segundo o mesmo autor, de forma inconsciente, mas podendo ser, ainda, releva, de forma consciente.

Fazendo uma atenta leitura de *Linguagem e ideologia*, podemos perceber que, para o autor, a regra é a determinação inconsciente da semântica discursiva, mas que o sujeito enunciador não está totalmente preso a ela, podendo, e algumas oportunidades, extrapolá-la.

Na semântica discursiva os elementos temáticos e figurativos estão relacionados a valores, positivo e negativo, que vão permitir, através de sua relação, a instauração da ideologia. A esta valoração damos o nome de foria (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 505), que pode se desdobrar em euforia, quando atribui valor positivo; disforia, quando atribui valor negativo e aforia, quando atribuiria valor neutro.

Como veremos, a foria é determinada, no discurso, já nos níveis profundos, quando é elencada a axiologia, mas é no nível discursivo, mais necessariamente na semântica discursiva, que, ao tratar temas e figuras de forma eufórica ou disfórica, contribui para a manifestação da ideologia no discurso.

3 – O TEMA DA GUERRA

3.1 - Análise de *Múmias*

3.1.1 - Letra

Bem aventurados sejam aqueles que amam esta desordem

Nós viemos a reboque, este mundo é um grande choque

Mas não somos deste mundo

De cidades em torrente

De pessoas em corrente

Errar não é humano

Depende de quem erra

Esperamos pela vida

Vivendo só de guerra

Vimos preparados para almoçar soldados

Chegamos atrasados, sumiram com a cidade antes de nós

Mesmo assim, basta esquecê-la em outro dia

Transformando em lataria, tudo que estiver ao nosso alcance

Errar não é humano

Depende de quem erra

Esperamos pela vida

Vivendo só de guerra

Vimos espalhar discórdia

Conquistar muitas vitórias

Conquistar muitas derrotas

Bem aventurados sejam todos que caírem em moratória

Bem aventurados sejam os senhores do progresso

Esses senhores do regresso

3.1.2 - Nível discursivo

A sintaxe discursiva de *Múmias* estabelece, por meio de depreagens enunciativas, a distinção de dois grupos sociais opostos: um, que chamaremos de *nós*, é o grupo do narrador, que denuncia os erros cometidos pelo grupo oposto. O segundo grupo, oposto ao grupo *nós*, identificaremos como o grupo *eles*, o qual é responsável pela guerra e pela desolação social.

A distinção de tais grupos é feita pelo uso de pronomes como “nós” e “esses”, e pelos verbos flexionados em primeira e terceira pessoas:

Nós viemos a reboque (v. 2)

Sumiram com a cidade (v. 11)

A sintaxe mostra, assim, os dois grupos sociais que estão em conflito no texto cujas ideologias estarão também em confronto. O grupo *nós*, caracterizado como vítima da guerra, mostra o grupo *eles* como aqueles que promoveram a guerra, tratando-os de forma disfórica.

Estes dois grupos sociais estão ligados, portanto, a valores distintos, que são concretizados nas relações com os temas e figuras da semântica discursiva. A primeira estrofe da letra já expressa esta contraposição ao caracterizar o mundo de forma disfórica e afastar o grupo *nós* de tal caracterização:

Bem aventurados sejam aqueles que amam esta desordem (v. 1)

Nós viemos a reboque, este mundo é um grande choque (v. 2)

Mas não somos desse mundo (v. 3)

De cidades em torrente (v. 4)

De pessoas em corrente (v. 5)

A bem-aventurança liga-se, aqui, de forma irônica, à desordem, e não à ordem, como sugeriria o senso comum. A conjunção com os valores relacionados com o mundo mostrado no texto não exigiria do sujeito o enfrentamento a estes valores, o que tornaria sua sobrevivência mais fácil, uma vez que “este mundo é um grande choque”.

A tematização da violência inicia-se, deste modo, quando da percepção de forma abrupta do acontecimento, isto é, do “choque” com que é tido o mundo em que se vive.

O tema da violência continua a ser tecido em “cidades em torrente”, ou seja, quando se mostra o aspecto instável e turbulento das cidades, lugares de convívio interpessoal, apontando para uma violência social.

Isto fica ainda reforçado com a expressão “pessoas em corrente” que, se por um lado aponta para a massificação do ser humano (quando “corrente” refere-se a movimento em cadeia), como para privação da liberdade (referindo-se a algemas e grilhões), remetendo-se, assim, à violência contra a liberdade individual. A violência tematizada no texto é decorrência, entretanto, de outro elemento também tematizado: a guerra.

O tema da guerra é trazido à tona no refrão do texto, mais especificamente nos

versos:

Esperamos pela vida (v. 8)

Vivendo só de guerra (v. 9)

Ocorre que, ao contrapor “vida” e “guerra”, o texto atribui a estes valores de morte, bem como aos elementos à guerra relacionados, como, por exemplo, a violência e o grupo *eles*. Os grupos sociais marcados pela sintaxe discursiva passam, agora, a serem diferenciados pela semântica discursiva, que aponta suas visões de mundo, valoriza positiva ou negativamente suas ações e contrapõe as ideologias por eles adotadas.

Tais ideologias irão atribuir valores de vida ou de morte às figuras e aos temas apresentados no texto e, com isto, estender estes valores aos respectivos grupos sociais.

Desta forma, ao grupo *eles* relacionadas figuras de desolação e temas de destruição e decadência. Estes elementos tematizados e figurativizados são percebidos pelo grupo *nós*, embora não sejam por ele produzidos. O que se tem aqui, desta forma, é uma valorização negativa, disfórica, dos valores e do modo de agir do grupo *eles* pelo grupo *nós*.

A terceira estrofe do texto é fortemente caracterizada pelo uso de figuras:

Vimos preparados para almoçar soldados (v. 10)

Chegamos atrasados, sumiram com a cidade antes de nós (v. 11)

Mesmo assim, basta esquecê-la em outro dia (v. 12)

Transformando em lataria, tudo o que estiver a nosso alcance (v. 13)

As figuras por nós grifadas mostram nitidamente o tema da guerra (“soldado”), citando o espaço do evento (“cidade”) de forma disfórica, uma vez que “lataria” remete a sucateamento, sobras, ou mesmo, a lixo.

A expressão “almoçar soldados” nos revela uma ideologia que critica o fato de a sociedade em questão produzir soldados ao invés de alimentos, denunciando, assim, a ideologia de *eles*, tida por *nós* como errônea.

A ironia dos versos pode também ser percebida de acordo com o sentido criado pelas expressões “antes de nós”, “mesmo assim” e “ao nosso alcance”, pois indicam que a ação de guerra e desolação, uma vez que não fosse cumprida pelo grupo *eles*, seria feita pelo grupo *nós*.

Na última estrofe são apresentados mais elementos que referem-se diretamente à guerra: “vitórias” e “derrotas”, fazendo com que o tema da guerra percorra todo o texto.

Os versos 18, 19 e 20, entretanto, são introduzidos por “viemos”, verbo em primeira pessoa, indicando a apropriação do discurso de *eles* por *nós*, ou seja, é dada voz a *eles*, em discurso direto. O elemento “discórdia” inicia neste discurso uma caracterização negativa das ações desempenhadas por *eles*.

Esta disforia vai gradativamente aumentando, passando de uma sentença simples para o jogo de palavras:

Conquistar muitas vitórias (v. 19)

Conquistar muitas derrotas (v. 20)

Não só a sentença “conquistar muitas derrotas” encerra, em si, uma contradição, como o lugar que “derrotas” ocupa no verso é o mesmo que “vitórias” ocupa no verso anterior, reforçando, assim, a contradição.

Surge, com isto, mais um juízo de valor atribuído a *eles*: o de ser um grupo de ação contraditória, pois, ao mesmo tempo em que sai da guerra vitorioso, acaba por ser derrotado, ao menos do ponto de vista de *nós*, que não compartilha dos mesmos valores, passando a ter as “vitórias” apenas como aparentes e como verdadeiras derrotas.

Os versos finais da estrofe também contêm elementos figurativos reveladores para a identificação e contraposição ideológicas:

Bem aventurados sejam todos os que caírem em moratória (v. 21)

Bem aventurados sejam os senhores do progresso (v. 22)

Esses senhores do regresso (v. 23) (grifos nossos)

Repete-se, aqui, a expressão “bem aventurados”. A expressão utilizada na Bíblia para indicar aqueles que, pelas boas obras, merecem a salvação, neste texto é sempre utilizada de forma irônica, como o foi na primeira estrofe.

Nesta última estrofe, a bem aventurança não está ligada àqueles que a merecem por suas boas obras, mas àqueles que, sem esforços, simplesmente recebem o perdão.

Ressalte-se, aqui, que, ao ser utilizada a palavra “moratória”, não é evocado ato ou gesto de contrição, de arrependimento, sendo utilizado o perdão concedido por meio unilateral, partindo de quem perdoa. Isto torna-se relevante, uma vez que aponta, por um lado, a passividade do perdoado e, por outro, a detenção do perdão nas mãos de quem o confere, demonstrando uma relação de submissão e poder.

O poder aqui mostrado, confirmado pelo uso da palavra “senhores”, nos dois últimos versos, nos quais também há uma construção de palavras análoga à dos versos anteriores:

senhores do progresso

senhores do regresso

O grupo *nós* denuncia a aparência de progresso do grupo *eles*, revelando que este grupo promove, para além da aparência, ações de regresso. Note-se que *eles* não é mero produtor do regresso, mas é utilizada a palavra “senhores” para se referir ao grupo, indicando um carácter fortemente marcado de detentores do poder de produção do regresso, da guerra e da desolação.

Este carácter carácter desolador e desumano de *eles* é repetido na primeira parte do refrão:

Errar não é humano (v. 6)

Depende de quem erra (v. 7)

A relativização do erro é feita da seguinte forma: há erros decorrentes do carácter

humano dos indivíduos e há erros decorrentes do caráter desumano, sendo os erros deste segundo tipo os cometidos por *eles*.

O refrão, repetido duas vezes no texto retoma o tema da guerra em todo ele, fazendo com que o texto contenha e mostre elementos disfóricos, uma vez que relacionados com valores de morte. Tais valores estão ligados ao grupo *eles*. Por contraste, os valores de vida são percebidos por negação dos valores de morte, ainda que não explícitos no texto. Aos valores de vida está relacionado o grupo *nós*.

Os dois grupos sociais apontados pela sintaxe recebem, na semântica discursiva, revestimento de temas e figuras e são a eles atribuídos valores positivos e negativos, através dos elementos a eles relacionados.

De um lado, a guerra e seus afins, como a violência, a desolação e a decadência, relacionam-se com o grupo *eles* e, sendo estes elementos tratados de forma disfórica no texto, fazem com que o grupo *eles* também seja tido como disfórico. Em contraposição, a negação dos valores afins ao grupo *eles* relaciona-se com os valores do grupo *nós* e, por estes serem tratados de forma eufórica, fica o grupo *nós* valorizado de forma positiva pelo texto.

Desta forma, a ideologia dos respectivos grupos são mostradas e colocadas em relação polêmica, sendo a do grupo *nós* tratada de forma positiva, eufórica, e a do grupo *eles*, de forma negativa, disfórica.

3.1.3 - Níveis intermediários

Atuam, no texto, duas forças contrárias: uma que leva o sujeito à ação (fazer emissivo) e outra que o interrompe em seu curso (fazer remissivo). Durante o decorrer do texto, percebe-se, entretanto, que as ações que prevalecem são aquelas contrárias às do sujeito, obrigando-o a interromper as suas próprias, a deixar de agir.

O segundo verso pode nos dar uma ideia deste fato:

Nós viemos a reboque, este mundo é um grande choque (v. 2)

O próprio sujeito se reconhece à margem dos acontecimentos (“viemos a reboque”), já mostrando que não serão suas as ações predominantes. Ao analisarmos este verso de acordo com o modelo proposto, podemos perceber que, quanto às suas modalidades páticas, o sujeito espanta-se no que se refere a seu registro cognitivo e se interrompe no tocante a seu registro pragmático. Tanto o “espantar-se” quanto o “interromper-se” são registros modais próprios do fazer remissivo, ou seja, da força que atua contrariamente às ações do sujeito.

No decorrer do texto, há marcas de ações do sujeito que são interrompidas, como nos versos 10 e 11:

Vimos preparados para almoçar soldados (v. 10)

Chegamos atrasados, sumiram com a cidade antes de nós (v. 11)

Novamente o fazer emissivo dá espaço ao fazer remissivo. A modalização factiva do sujeito, caracterizada pelo “prever” e pelo “querer” e a modalização pática, modalizada pelo “crer” e “esperar”, dão ao sujeito a capacidade de “fazer”. Este “fazer” pode ser entendido como “ir preparado para almoçar soldados”.

Entretanto, frente à ação do anti-sujeito (“sumiram com a cidade antes de nós”), não resta outra coisa senão interromper-se e espantar-se, no que se refere às modalidades páticas. As modalidades factivas, por sua vez, podem ser demonstradas nos versos seguintes:

Mesmo assim, basta esquecer-la em outro dia (v. 12)

Transformando em lataria, tudo o que estiver ao nosso alcance (v. 13) (grifos nossos)

O fazer remissivo é modalizado factivamente pelo registro cognitivo “ignorar” e pelo registro pragmático “dever”. O primeiro é facilmente depreendido da expressão “basta esquecer-la” e o segundo, menos explícito, da ação repetida (e talvez obrigatória) que mostra o verso 13.

O fazer emissivo nos mostra um sujeito que, impulsionado por um destinador, é levado a agir, a tentar entrar em conjunção com seu objeto, que, neste texto, pode ser exemplificado, de acordo com o analisado no nível discursivo, como uma sociedade diferente daquela em que vive.

Por outro lado, o fazer remissivo coloca no texto um anti-sujeito, que aqui chamamos, como mostra o nível discursivo, de grupo *eles*, que, a todo momento em que age,

impede o sujeito de agir. Neste texto, o fazer remissivo parece sobressair ao fazer emissivo:

Bem aventurados sejam os senhores do progresso (v. 22)

Esses senhores do regresso (v. 23)

Nestes dois últimos versos identifica-se um fazer remissivo que sobressai na narrativa, uma vez que demonstram uma espécie de reconhecimento do sujeito frente à “vitória” do anti-sujeito. Também o jogo feito com as palavras “progresso” e “regresso” nos mostram que o regresso é o promotor da sociedade em questão, isto é, são as ações contrárias às do sujeito que sobressaem e constroem a vida social.

3.1.4 - Nível tensivo

No nível discursivo deste texto vimos que os grupos sociais mostrados estão relacionados a temas e figuras que recebem valores positivos ou negativos, isto é, também tais grupos são mostrados de forma eufórica ou disfórica. O nível narrativo nos mostrou que o fazer remissivo sobressai ao fazer emissivo, ficando o sujeito com suas ações interrompidas, enquanto o anti-sujeito é quem desempenha as ações.

Ficou assim demonstrado que os dois grupos sociais, atuando em relação polêmica, competem para alcançar seus objetivos, colocando em prática seus valores, de acordo com suas ideologias.

Estas ideologias são mostradas também de forma eufórica ou disfórica, assim como o são os grupos sociais respectivos. A euforia e a disforia com que são tratados vão corresponder, em nível mais profundo, a valores de vida e de morte atribuídos a tais ideologias, sendo, assim, euforizada a ideologia a qual são atribuídos valores de vida e disforizada aquela que se relaciona com os valores de morte.

Podemos, desta forma, criar a seguinte relação:

grupo <i>nós</i>	vs.	grupo <i>eles</i>
valores de vida		valores de morte
euforia		disforia

Esta relação fica evidente uma vez que o grupo *eles* está relacionado a temas

como a guerra, a violência e a decadência, todos estes tratados de forma disfórica no texto.

Analisando as ideologias dos dois grupos quanto às dimensões intensivas, temos que a ideologia de *eles* é vista, em seu andamento, como de posição “adiantada” em relação a *nós*, enquanto que a posição da ideologia de *nós* é de “atraso”. O mesmo vale para o *elã*, que, para o grupo *eles*, corresponderia à “rapidez”, enquanto que para o grupo *nós*, ficaria mostrada a “lentidão”. A direção, desta forma, seria de “aceleração” para *eles* e “desaceleração” para *nós*.

As mesmas relações podem ser apontadas para a tonicidade, isto é, podem ser percebidas relações de “atenuação” para o grupo *nós* e de “restabelecimento” para o grupo *eles*. Deste modo, a direção seria de “tonificação” para o grupo dos “senhores do regresso”, visto que é acentuada a atuação de sua ideologia e de suas ações, enquanto que, para o grupo *nós*, retaria a “atonização”. O *elã* de “repouso” e a posição “inferior” também caberiam a este grupo, sendo o grupo *eles* caracterizado pelo *elã* de “movimento” e posição “superior”, já que se mostrou mais atuante que o outro grupo.

A temporalidade mostra, na direção, a “apreensão” do grupo *nós*, que “espera pela vida”, estando o grupo *eles* em direção de “foco”, visto que suas ações perduram sobre todo o tempo do texto, sem, entretanto, sofrerem “antecipação”, uma vez que não está “frente a seu tempo”, mas é condizente à sua época.

O grupo *eles* e sua ideologia, dada a espera pela “vida” do grupo *nós*, não podem ser caracterizados como “imortais” em sua posição, ou “eternos” em seu *elã*, já que a espera admite a possibilidade do fim desta ideologia, o que a levaria a ser caracterizada como

“longa” em seu *elã*, pois, apesar da espera, esta parece durar por muito tempo. Seria também “posterior” em sua posição, uma vez que atinge a sociedade antes que a ideologia de *nós* chegue.

Na sua espacialidade, a ideologia de *nós* encontra o *elã* de “repouso”, visto que fica restrita ao seu grupo social, enquanto que a do grupo *eles* parece ter tomado o restante do espaço, sendo caracterizada, desta forma, pelo “deslocamento”. A direção da ideologia de *nós*, por esta sofrer a tentativa de ser promovida pelo seu grupo social, não pode ser considerada “hermética”, mas apenas “fechada”, enquanto que a de *eles*, por ainda encontrar resistência, não seria “escancarada”, mas “aberta”. A posição, entretanto, seria de “intimidade” para a ideologia de *nós*, visto que compreende sua visão de mundo, e de “estranheza” frente à ideologia de *eles*.

3.2 - Análise de *A canção do senhor da guerra*

3.2.1 - Letra

Existe alguém

Esperando por você

Que vai comprar

A sua juventude

E convencê-lo a vencer.

Mais uma guerra sem razão

Já são tantas as crianças

Com armas na mão

Mas explicam novamente

Que a guerra gera empregos

Aumenta a produção.

Uma guerra sempre avança a tecnologia

Mesmo sendo guerra santa

Quente, morna ou fria

Pra que exportar comida?

Se as armas dão mais lucros na exportação.

Existe alguém que está contando com você

Pra lutar em seu lugar

Já que nessa guerra não é ele quem vai morrer

E quando longe de casa

Ferido e com frio

O inimigo você espera

Ele estará com outros velhos inventando

Novos jogos de guerra.

Que belíssimas cenas de destruição

*Não teremos mais problemas com a
superpopulação.*

Veja que uniforme lindo

Fizemos pra você

Lembre-se sempre

Que Deus está do lado de quem vai vencer

3.2.2 - Nível discursivo

Em *A canção do senhor da guerra*, do título aos versos, a palavra “guerra” é repetida, marcando fortemente a presença do tema da guerra:

Mais uma guerra sem razão (v. 6)

Mesmo sendo guerra santa (v. 13)

Já que nessa guerra (v. 19)

O tema da guerra é depreendido por uma isotopia que compreende ainda outros elementos, como “vencer”, “armas” e “inimigo”. Tais elementos, aparecendo do começo ao fim do texto, fazem com que o tema seja constantemente lembrado pelo leitor da letra, ou na música, pelo ouvinte.

Analisando outros temas presentes, percebemos que a guerra está, por exemplo, relacionada à economia, depreendida através da isotopia gerada pelos elementos “produção”, “lucro” e “exportação”. A guerra, segundo o texto, possui um aspecto econômico, inclusive gerando lucros. Fica denunciada a “indústria da guerra”, que, com a produção e exportação de armamentos, obtém vantagens econômicas, a despeito dos aspectos e consequências negativas decorrentes do conflito.

Estes aspectos e consequências são a morte e a destruição ocasionadas, que, neste texto, aparecem como tema gerado pela isotopia formada por elementos como “morrer”, “ferido” e “destruição”.

Os temas da economia, da guerra e da morte estão relacionados em relações de causa e consequência, ou seja, um é decorrente do outro. Tais relações são a representação, no texto, de relações materiais ocorridas na sociedade produtora de tal texto:

Mas explicam novamente (v. 9)

Que a guerra gera empregos (v. 10)

Aumenta a produção (v. 11)

Os versos 9, 10 e 11 são exemplos de que a guerra é decorrência de um sistema econômico adotado pela respectiva sociedade, e, mais que isso, de acordo com esta visão de mundo, a guerra faz-se necessária para a manutenção da economia, uma vez que influencia diretamente a produção.

A geração de emprego é citada como justificativa para a guerra, algo dito como “nossa paz é depende da guerra dos outros”, o que nos permite perceber uma forte persuasão ideológica, uma vez que o argumento se constrói com a necessidade de trabalho, condição para a sobrevivência do indivíduo na sociedade capitalista.

Outros versos nos mostram a consequência disto:

Já que nessa guerra não é ele quem vai morrer (v. 19)

Ferido e com frio (v. 21)

Que belíssimas cenas de destruição (v. 25) (grifos nossos)

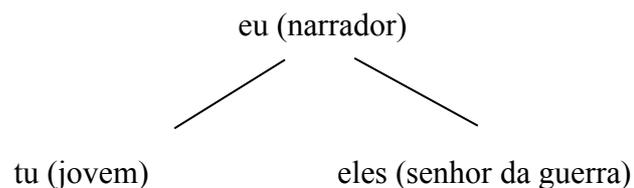
A morte, o sofrimento e a destruição são retratados como decorrência da guerra.

Fazem, portanto, contraponto com os elementos que a justificariam, como o desenvolvimento econômico e a geração de empregos. A sociedade, caso decida pela guerra, pagará um valor muito alto, pois, se de um lado é satisfeita uma exigência econômica, por outro, tem-se como consequência o seu próprio fim.

As relações de causa e consequência são, portanto, as seguintes:

economia → guerra → morte

O momento do percurso gerativo retratado no texto é a manipulação do sujeito, a qual veremos mais detalhadamente a seguir. A manipulação é mostrada no nível discursivo deste texto como partindo de alguém (a quem chamaremos de narrador) que manipula um jovem, expondo de forma disfórica as ações de um grupo social ao qual é contrário (o “senhor da guerra”):



A sintaxe discursiva nos mostra, por meio de debreagens enunciativas, a presença de um “eu”, o narrador, mostrado pela relação com um “tu”, o jovem. O assunto do discurso do narrador para o jovem é o senhor da guerra e suas ações, os quais podemos chamar de “eles”. Os versos abaixo mostram as pessoas e o assunto, conforme apontamos em grifos:

Esperando por você (v. 2)

Existe alguém que está contando com você (v. 17)

Já que nessa guerra não é ele quem vai morrer (v. 19)

São estabelecidos, assim, dois grupos sociais distintos: o primeiro, do senhor da guerra, e o segundo, ao qual pertence o narrador, que refuta os valores do primeiro, isto é, que trata a guerra de forma disfórica, assim como a morte e a destruição dela decorrentes.

O jovem não está posicionado em nenhum destes dois grupos, mas é manipulado pelo narrador a fazer parte de seu grupo, ao mesmo tempo em que sofre manipulação do “senhor da guerra” para assumir como seus os valores do respectivo grupo social.

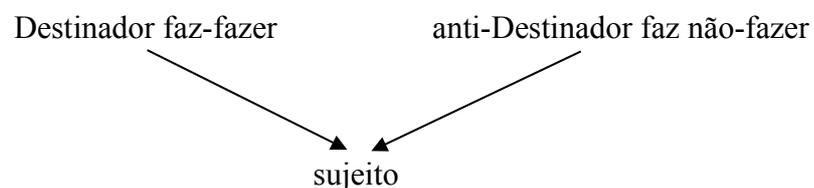
São estabelecidas, desta forma, duas ideologias opostas: a do “senhor da guerra”, apresentada pelo narrador e por ele caracterizada de maneira disfórica, e a ideologia do grupo que o narrador representa, da qual o que sabemos é que ela se contrapõe à primeira, negando seus valores e buscando estabelecer uma ordem social diversa.

3.2.3 - Níveis intermediários

A *Canção do senhor da guerra* mostra, como vimos, uma cena de manipulação, realizada por alguém, o narrador, que tenta convencer um jovem valorizando negativamente um grupo social e uma ideologia aos quais é contrário.

No nível narrativo do texto, as personificações que, no nível discursivo chamamos de “narrador”, “jovem” e “senhor da guerra”, correspondem à funções de anti-destinador, sujeito e destinador.

Ressalte-se que o destinador e o anti-destinador são funções que poderiam, dependendo do ponto de vista adotado, corresponder a atores contrários no nível discursivo. Partindo do ponto de vista que toma a ação do sujeito como o ato de “ir para a guerra”, assumiremos o “senhor da guerra” como destinador, pois tenta levar o sujeito à ação, e o narrador como ocupando a função de anti-destinador, uma vez que o seu papel é de impedir a ação:



Embora seja possível adotar a posição de destinador para o narrador e de anti-destinador para o “senhor da guerra”, entendemos que a forma escolhida nesta análise, além de mais didática, torna mais perceptível a promoção de uma ideologia que atua como “anti-ideologia”, ou seja, que atua como anti-programa narrativo. A ênfase recairia, desta forma, no

fato de a ideologia do narrador, ao tempo em que é aceita pelo sujeito, ocupa sua consciência de modo que não haja mais espaço à ideologia do “senhor da guerra”.

O *Dicionário de semiótica* (2008, p. 300) aponta que a manipulação pode ocorrer de quatro formas: a tentação, em que o destinador propõe um objeto de valor positivo para o sujeito; a intimidação, quando o objeto proposto possui valor negativo; a sedução, em que é feito um juízo positivo das habilidades do sujeito; e a provocação, quando tal juízo é negativo.

Nem o destinador, nem o anti-destinador, neste texto, atuam pela sedução ou pela provocação. O destinador atua pela tentação e o anti-destinador, pela intimidação:

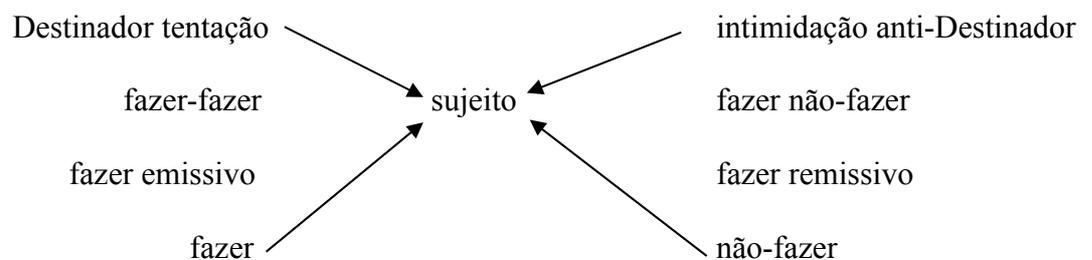
<i>actantes</i>	destinador	anti-destinador
<i>manipulação</i>	tentação	intimidação
<i>Objetos de valor propostos</i>	Empregos, produção, avanço tecnológico, lucro e status (“uniforme lindo”)	Sofrimento, destruição e morte

Ressaltamos que os objetos de valor oferecidos pelo destinador são apresentados pelo anti-destinador, que, com seus objetos de valor negativo, busca convencer o sujeito a não aderir ao programa do destinador. Isto nos leva a ter acesso à ideologia do “senhor da guerra” através da ideologia do narrador.

O destinador induz, portanto, o fazer emissor, buscando levar o sujeito a agir, enquanto que o anti-destinador, ao tentar levar o sujeito a não-fazer, promove o fazer remissor.

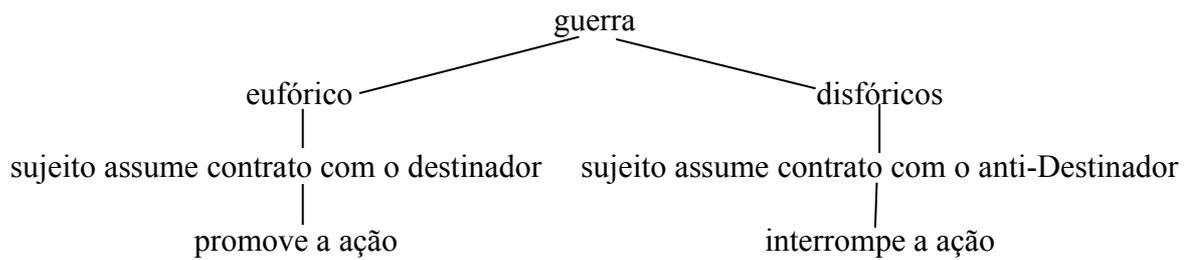
Os registros do fazer remissivo seriam, enquanto pragmáticos, o “interromper-se”, uma vez que cessaria a ação de ir para a guerra e o “dever”, já que a cessação da ação se daria por exigência da sobrevivência e dos valores morais impostos. Os registros cognitivos corresponderiam ao “ignorar” a tentação do destinador, e a “espantar-se” com os objetos de valor negativos mostrados pelo anti-destinador.

A representação gráfica da manipulação que o texto mostra poderia ser:



O sujeito fica, portanto, entre o fazer emissivo e o remissivo. Não há, no texto, registros de suas ações, visto que não é retratada esta parte do percurso gerativo. O que se tem, desta forma, é a tentativa de o anti-destinador estabelecer com o sujeito um contrato fiduciário que polemiza com o contrato proposto pelo destinador.

O objeto a ser buscado pelo sujeito pode ser representado pela figura da guerra, que, ao ser assumida pelo sujeito de forma disfórica ou eufórica, determinará o contrato a ser estabelecido:



No último verso do texto, há uma figura, “Deus”, que é utilizada pelo anti-destinador como objeto de valor. Se, na axiologia a que pertence o sujeito, a figura de Deus for entendida como “todo-poderoso”, “onisciente”, “imbatível”, etc., o destinador estaria apresentando ao sujeito um objeto de valor irrefutável:

Lembre-se sempre (v. 30)

Que Deus está do lado de quem vai vencer (v. 31)

De modo irônico, o anti-destinador contesta tal objeto de valor ao prever seu uso pela manipulação do sujeito, tornando um elemento que poderia encerrar, em si, aspectos de proteção, vitória e poder, em um objeto inócuo.

Ao sujeito deste texto são apresentadas, desta forma, duas ideologias: a primeira, do destinador, em que a guerra é não só necessária como também benéfica; e a segunda, do anti-destinador, na qual a guerra é vista de forma disfórica, estando a ela relacionadas a morte e a destruição.

Estabelecendo um contrato fiduciário, isto é, deixando-se mover ou pelo destinador, ou pelo anti-destinador, o sujeito acolhe a respectiva ideologia, ou melhor, a

aceitação de uma ou outra ideologia levará o sujeito a estabelecer o contrato com o destinador, ou com o anti-destinador, fazendo-se operar o fazer emissivo ou o fazer remissivo.

3.2.4 - Nível tensivo

O nível discursivo deste texto nos mostra o embate entre duas ideologias: uma, do narrador, contrária à guerra, e outra, do “senhor da guerra”, favorável a ela. Relacionadas à guerra estão a morte e a destruição, disfóricas no texto, que são apresentadas pelo narrador ao garoto como elementos temíveis, a fim de alertá-lo dos perigos da guerra.

Na análise do nível narrativo, o sujeito, figurativizado pelo garoto, é manipulado pelo anti-destinador, na figura do narrador, para que rejeite a manipulação do destinador, o “senhor da guerra”, de modo que não vá para a guerra.

Atua no texto o fazer remissivo, relacionado ao anti-destinador, que busca interromper a ação do sujeito. Este fazer remissivo está ligado à parada, na sintaxe tensiva.

Por outro lado, o fazer emissivo é gerado pela parada da parada, ou seja, a sintaxe tensiva determina o fazer missivo. Neste caso, a parada ocorrida na sintaxe tensiva determina o fazer remissivo, que, por sua vez, atua como força que interrompe o sujeito em suas ações, o que, no nível discursivo, será concretizado com o ato de o garoto não ir para a guerra.

Caso se desse a parada da parada, a sintaxe tensiva geraria o fazer emissivo, que seria responsável pela ação do sujeito, o que seria, no nível discursivo, mostrado com a ida do garoto para a guerra.

De um ponto de vista da semântica tensiva pode ser verificado que a oposição fundamental se dá entre valores de vida e valores de morte, como relacionamos a seguir:

<u>não-guerra</u>	vs.	<u>guerra</u>
vida		morte

Desta forma, o grupo social a que pertence o narrador caracteriza seus valores como valores de vida. Por isto, os elementos relacionados a seu grupo são tratados de forma eufórica. Em contrapartida, os valores de morte são relacionados aos elementos ligados ao grupo social oposto, como a guerra, sendo, desta forma, disforizados.

Em uma análise mais detalhada referente à intensividade e extensividade, temos que, para a intensividade, a posição, no andamento, é de “adiantamento”, o que pode ser depreendido do fato de o narrador já prever os argumentos do “senhor da guerra” e contrapô-los.

A direção torna-se, desta forma, “acelerada”. Ressalte-se que estamos tratando, aqui, da ideologia, que, diferentemente do sujeito, não cessa as ações a ela relacionadas, mas as põe em funcionamento para que o sujeito cesse as dele. O elã é, assim, o da “rapidez”, uma vez que o anti-destinador precisa atuar de forma rápida para convencer o sujeito.

Quanto à tonicidade, nos parece que o anti-destinador e sua ideologia podem ser caracterizados pelo aspecto de “restabelecimento”, isto é, pela “tonificação” da direção, pela posição “superior” e pelo elã de “movimento”, uma vez que o anti-destinador mostra suas ideias e valores de forma acentuada.

A temporalidade teria como característica a “antecipação” em sua direção, bem como seria “imortal” quanto à posição e “eterna” quanto ao elã. Isto equivale dizer que a

ideologia do narrador não é válida somente no momento do confronto com a do “senhor da guerra”, mas ela se antecipa com a possibilidade de outros confrontos ideológicos, e mostra-se válida por um tempo indeterminado, ou melhor, durante todo o tempo. Daí os aspectos “eterno” e “imortal”.

Quanto à espacialidade, o elã é a “ubiquidade”, por a ideologia não determinar lugar de atuação, mas atuar em todo lugar. Ela mostra-se, também, “escancarada” quanto à posição, pelo mesmo motivo. E é “íntima” quanto à posição, já que está em relação de extrema proximidade com o narrador, como seu universo de valores.

3.3 - Análise de *Era um garoto que como eu*

3.3.1 - Letra

*era um garoto que, como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones
girava o mundo sempre a cantar
as coisas lindas da América
não era belo, mas mesmo assim,
havia mil garotas a fim
cantava “Help!” e “Ticket to Ride” e “Lady Jane” ou “Yesterday”
cantava “Viva a liberdade” mas uma carta,
sem esperar, da sua guitarra o separou
fora chamado na América...*

*STOP com Rolling Stones!
STOP com Beatles songs!
mandado foi ao Vietnã,
lutar com vietcongs*

*era um garoto que, como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones
girava o mundo, mas acabou fazendo a guerra do Vietnã
cabelos longos não usa mais,
não toca sua guitarra, e sim,
um instrumento que sempre dá a mesma nota (rá-tá-tá-tá)
não tem amigos, não vê garotas*

*só gente morta caindo ao chão
ao seu país não voltará pois está morto no Vietnã*

*STOP com Rolling Stones!
STOP com Beatles songs!
no peito, um coração não há
mas duas medalhas, sim*

3.3.2 - Nível discursivo

Texto bastante próximo de *A canção do senhor da guerra* por tratar o tema da guerra como interrupção da juventude, encontra, porém, diferenças, como veremos a seguir.

Duas ocorrências de debreagens enunciativas dão ao texto efeito de história contada, imprimindo marcas do enunciador que mostra duas ideologias em relação conflituosa, havendo uma delas, entretanto, que sobressai em relação à outra, determinando o desfecho da narrativa.

A ocorrência de debreagem enunciativa se dá no primeiro verso, repetindo-se no de número 14, quando é iniciada a segunda parte da música:

Era um garoto que, como eu, amava os Beatles e os Rolling Stonnes (v. 1 e 14)

O pronome “eu”, por nós grifado, é a marca que o enunciador imprime no texto. No restante da letra não há mais marcas deste “eu”, mas o discurso é construído em torno de um “ele”, figurativizado por um garoto.

Ainda neste versos há uma comparação, “como eu”, que situa o garoto em proximidade com o narrador¹, ou seja, os dois são trazido para um mesmo grupo social ao ser estabelecida esta relação de identidade. Deste modo, são gerados, no texto, dois grupos sociais: um, que abriga o narrador e o garoto, e outro, que abarca aqueles que lhes são contrários, isto é, que não são com eles identificados e que possuem ideologia diversa do primeiro.

¹ Chamamos aqui de narrador a projeção do enunciador no discurso.

São utilizados alguns elementos para caracterizar o garoto: “amava os Beatles e os Rolling Stones”, “girava o mundo sempre a cantar”, “não era belo, mas...”, “havia mil garotas afim”, “sua guitarra”, dentre outros, que nos apontam para a imagem de uma pessoa jovem e contente. Juntamente com a caracterização do garoto é gerado o tema da juventude.

A sociedade em que vive também é caracterizada de algumas formas: por exemplo, pela palavra “América”, que, ao se referir aos Estados Unidos da América, traz consigo elementos da ideologia do *american way of life*; também pelo período histórico caracterizado na narrativa, isto é, durante a Guerra do Vietnã, como apontam os versos a seguir:

mandado foi ao Vietnã (v. 12)

lutar com vietcongs (v. 13)

(...) mas acabou fazendo a guerra do Vietnã (v. 15)

(...) pois está morto no Vietnã (v. 21)

Além disto, as indicações, no texto, de bandas de língua inglesa, bem como as músicas que o garoto costumava cantar, identificam, tanto ele como sua sociedade, como fortemente influenciados pela cultura estadunidense, o que também nos permite colocá-los, se não como imersos, ao menos próximos da ideologia estadunidense.

O tema principal da letra é a guerra. Todo o texto é construído de forma a mostrar a guerra através da história do garoto. A guerra é mostrada de forma disfórica, associada ao

tema da morte e ao grupo social do qual não fazem parte o garoto e o narrador.

De um lado, portanto, situam-se o narrador, o garoto e a ideologia de seu grupo social, aos quais estão associados elementos eufóricos no texto, como a juventude do garoto, as “coisas lindas da América”, a música e a liberdade “girava o mundo”).

Por outro lado, temos o grupo social formado por quem promove a guerra e convoca o garoto, estando este grupo relacionado a elementos que fazem oposição àqueles ligados ao primeiro grupo: a guerra, a morte, a solidão (“não tem amigos, não vê garotas”).

A oposição entre os dois grupos sociais e as duas ideologias pode ser sintetizada nos versos 17 e 18:

não toca sua guitarra, e, sim, (v.17)

um instrumento que sempre dá a mesma nota (rá-tá-tá-tá) (v. 18)

A guitarra, ícone do rock, tipo de música culturalmente relacionado à juventude, é substituída por outro “instrumento”, uma metralhadora, que pode ser entendida como ícone da guerra, a qual, neste texto, acabará por pôr fim fim à juventude do garoto, pela morte. A figura da metralhadora é constituída pelos traços de sentidos contidos na isotopia da guerra, pela palavra “instrumento” (manual) e pela onomatopéia “ra-tá-tá-tá”, que, relacionados, geram tal imagem.

Com isto, a metralhadora, uma arma, ao ocupar o lugar da guitarra, faz com que os demais elementos em relação de isotopia sofram a mesma operação, ou seja, a guerra e a morte passam a substituir a liberdade e a juventude do garoto. O “instrumento”, portanto, atua

como conector de duas isotopias: a da música e a da guerra.

O nível discursivo, mostra, desta forma, dois grupos sociais distintos, aos quais correspondem suas respectivas ideologias: do primeiro grupo, a ideologia contrária a guerra, figurativizada e tematizada pelo garoto, pela música e pela juventude; do segundo grupo, a ideologia que produz a guerra, figurativizada e tematizada pela arma, pelo sofrimento e pela morte.

3.3.3 - Níveis intermediários

O sujeito do texto é concretizado na figura do garoto, o qual percorrerá um programa narrativo motivado por um destinador que pode ser concretizado na figura das forças armadas, ou mesmo na figura do próprio Estado.

Do verso 1 ao 6, o sujeito desempenha suas ações sem ser interrompido, sendo assim o fazer emissivo a força operante neste momento:

era um garoto que, como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones (v. 1)

girava o mundo sempre a cantar (v. 2)

as coisas lindas da América (v. 3)

não era belo, mas mesmo assim, (v. 4)

havia mil garotas a fim (v. 5)

cantava “Help!” e “Ticket to Ride” e “Lady Jane” ou “Yesterday” (v. 6)

O fazer emissivo, atuante até o início do verso 7, é suspenso pelo fazer remissivo no final deste mesmo verso e no verso 8:

(...) mas uma carta, (v. 7)

sem esperar, da sua guitarra o separou (v. 8)

Nestes versos, a carta, figura da convocação feita pelas forças armadas, introduz o fazer remissivo. De acordo com o nosso modelo de análise, o cadastro modal do fazer missivo seria composto, para o fazer remissivo, pelo “espantar-se” e “interromper-se”, no tocante às

modalidades páticas, o que é evidenciado pela surpresa do garoto e pela interrupção de suas ações até então realizadas.

No referente às modalidades factivas, a modalização se dá pelo “dever” (a apresentação às forças armadas) e pelo “ignorar”, que, embora menos visível no texto, pode ser depreendido como o ato de ignorar as ações que vinha desempenhando.

O fazer emissivo, suspenso, teria como registro das modalidades páticas o “esperar” e o “crer”. O “crer”, se entendido como a crença do sujeito no mundo em que vivia, pode ser percebido, pois não há de sua parte contestação ou ressalvas ao seu modo de vida.

Entretanto, é explícito que o sujeito não esperava o acontecimento, ficando prejudicada sua modalização para o fazer emissivo. Também não possui um “prever”, haja vista sua surpresa, como já dissemos. Deste modo, apesar de aparentemente “querer” continuar suas ações, uma vez que o fazer emissivo remete à liberdade de ação, também suas modalidades factivas encontram-se prejudicadas.

Fica suspenso, desta forma, o fazer emissivo, passando a predominar o fazer remissivo. Este, caracterizado pela “parada”, em seus aspectos tensivos, mostra-se de maneira exemplificada na segunda estrofe:

STOP com Rolling Stones! (v. 10)

STOP com Beatles songs! (v. 11)

Estes versos, que também são repetidos na última estrofe, iniciam-se com a

palavra “STOP”, indicando uma ordem imediata de cessação das ações que vinham sendo realizadas pelo sujeito. Tal ordem recai justamente sobre “Rolling Stones” e “Beatles songs”, remetendo a bandas de rock que são ícones de sua geração, e, mais do que isso, do próprio rock. A letra da música enfatiza esta ordem de forma gráfica, pelo uso do ponto de exclamação ao fim de cada frase e pelo uso de letras maiúsculas em toda a palavra.

O sujeito vê-se obrigado a interromper suas ações, não só as cotidianas, mas aquilo que caracterizava sua juventude: a música. Isto pode ser visto no verso 8, do qual grifamos a parte pertinente:

sem esperar, da sua guitarra o separou (v. 8)

A guitarra, também símbolo do rock, por ser seu instrumento mais emblemático, é separada do sujeito. Este entra em disjunção, portanto com tal objeto e inicia um programa narrativo que culmina em sua decadência.

Já se vê, nesta altura do texto, um sujeito que possui suas ações interrompidas pelo fazer remissivo e em disjunção com um objeto que era símbolo de sua juventude e de sua vida habitual. Dado o “dever” imposto pelo fazer remissivo, o sujeito inicia um programa oposto ao que antes desempenhava, como se vê nos versos 12 e 13:

mandado foi ao Vietnã (v. 12)

lutar com vietcongs (v. 13)

O anti-sujeito, representado pelos vietcongs, compete com o sujeito,

desencadeando outras disjunções com elementos que o figurativizam o objeto que antes pertencia ao sujeito:

cabelos longos não usa mais (v. 16)

não toca sua guitarra (v. 17)

não tem amigos, não vê garotas (v. 19)

ao seu país não voltará (v. 21)

Novamente é mostrada a disjunção com a guitarra, mas também o sujeito deixa de possuir aquilo que significaria sua beleza e juventude (“cabelos longos”), as pessoas à sua volta e seu convívio social (“amigos” e “garotas”) e sua residência e cidadania (“país”), tornando-se, desta forma, alguém sem identidade.

A terceira estrofe, portanto, contrasta com a primeira, pois, ao contrário desta, mostra um sujeito em disjunção com seu objeto de valor e um fazer remissivo plenamente instaurado. Na primeira estrofe, uma figura significativa, a guitarra, desempenhava o papel de síntese das características do sujeito: a juventude, suas alções, sua liberdade. Este lugar passa a ser , na terceira estrofe, ocupado por outro instrumento, como já visto na análise do nível discursivo:

um instrumento que sempre dá a mesma nota (ra-tá-tá-tá) (v. 18)

A substituição é feita por outro elemento, uma arma, de acordo com a isotopia da guerra e a onomatopéia utilizada, que se faz símbolo da própria guerra, encerrando, em si, também aqueles elementos à guerra relacionados, como a destruição e a morte.

Tanto a guitarra como a rama constituem, no nível narrativo a função de objeto. Entretanto, a euforia atribuída ao primeiro elemento e a disforia ao segundo revelam diferentes relações com o sujeito.

Os valores emissivos da guitarra a caracterizam, numa tipologia do objeto, como “sub-objeto”, uma vez que é ligada ao “amar”, em sua dimensão pragmática. Já a arma, estando na mesma dimensão ligada ao “odiar”, caracteriza-se como “abjeto”.

Também na dimensão cognitiva há disparidade entre um e outro: a guitarra, classificada como “per-objeto” por estar atrelada aos valores emissivos, liga-se ao “crer”, ficando a arma relacionada, de acordo com os valores remissivos que contém, ligada ao “saber”, e classificada como “per-objeto”.

A ligação do objeto com o “crer” e o “saber” pode ser depreendida do fato de o sujeito, enquanto sob força do fazer emissivo, simplesmente crê no que faz, conserva o objeto em sua crença e não impõe resistência na conjunção que tem com ele.

Por outro lado, a arma é fruto de uma obrigação que parte da fazer remissivo. O seu conhecimento enquanto objeto é questionado, acentuando os valores remissivos. O sujeito passa de amar o objeto a odiá-lo, e a “saber” de sua conjunção com ele, e não mais a “crer”. Desta forma, não só na dimensão pragmática, mas também na cognitiva, há mudanças na relação do sujeito com o objeto.

3.3.4 - Nível tensivo

A semântica tensiva está organizada em torno de uma oposição fundamental, a qual pode ser entendida como valor de vida versus valor de morte. O valor de vida é atribuído aos elementos que fazem parte do cotidiano do garoto, como a música, a juventude, os amigos e as garotas.

Estes elementos, euforizados na semântica discursiva, são gerados do fazer emissivo, que promove a realização das ações do sujeito. O fazer emissivo transmite à semântica discursiva a euforia advinda do valor de vida da semântica tensiva.

Do mesmo modo, os elementos que no nível discursivo são disfóricos, como a guerra, a morte e outros a elas relacionados, ligam-se ao fazer remissivo, que, neste texto, transmite ao nível discursivo os valor de morte da semântica tensiva.

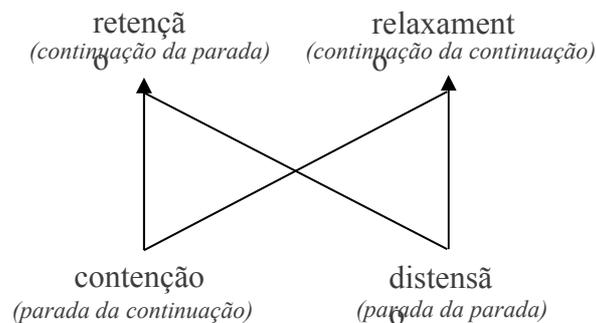
Sendo o tema da guerra o principal no texto, temos a seguinte relação:

<u>guerra</u>	vs.	<u>não-guerra</u>
morte		vida

A guerra relaciona-se com os valor de morte, enquanto que a sua não-realização, isto é, a não-guerra, relaciona-se com o valor de vida. Desta forma, os elementos por sua vez relacionados à guerra, como o grupo social que a promove e sua respectiva ideologia serão disfóricos no nível discursivo.

Por outro lado, o grupo social do qual faz parte o narrador, por discordar da guerra e ser contrário a ela, relaciona-se com o valor de vida do nível tensivo, o que levará a ser eufórico no nível discursivo, assim como sua respectiva ideologia.

Os fazeres missivos vistos na análise dos níveis intermediários partem das operações de parada e parada da parada, ambas da sintaxe tensiva. Tais relações podem ser vistas graficamente da seguinte forma (TATIT, 2008, p. 156):



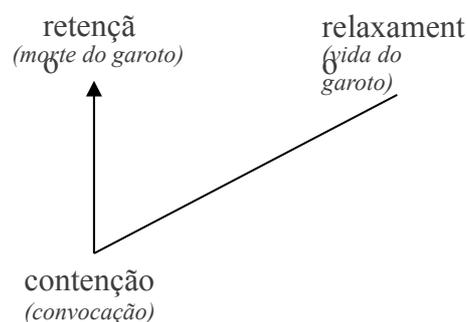
O sujeito, ao realizar suas ações, como descrevem os primeiros versos, encontra-se numa situação de relaxamento, isto é, de continuação da continuação, uma vez que não há forças contrárias ao seu desempenho.

No momento em que recebe a convocação, passa a se configurar a contenção, ou seja, a parada da continuação. Inicia-se, deste modo, o regime da parada, que rege o fazer remissivo. O sujeito, portanto, tem suas ações interrompidas e passa a prevalecer o fazer remissivo nos níveis intermediários. Nos níveis discursivos começam a ser percebida a presença dos elementos disfóricos.

Por fim, dá-se a retenção, a continuação da parada, que é a própria morte do

sujeito e a continuidade sem fim do fazer remissivo. O percurso na sintaxe tensiva termina nesta retenção, pois o sujeito não retorna à ação, não havendo, desta forma, passagem da retenção para a distensão. O fazer emissivo fica suspenso de vez.

Este percurso pode ser depreendido como:



Todo o percurso se dá em direção à retenção, o que leva, no nível discursivo, à dominância dos valores disfóricos e à figurativização da morte do garoto. Com isto, a ideologia do grupo social contrário à guerra sofre recuo frente àquela que é favorável.

Depreende-se, desta forma, que o grupo social favorável à guerra e a sua ideologia tem, referente ao seu andamento, o elã de “rapidez”, pois toma a frente das ações de modo a não permitir que a ideologia oposta os acompanhem no mesmo tempo, retardando a esta o elã de “lentidão”. Com isto, ocorre o “adiantamento” da posição da primeira ideologia em contraposição ao “atraso” da segunda, motivados por uma direção de “aceleração” e “desaceleração” respectivamente.

A tonicidade da ideologia da guerra também sofre restabelecimento, isto é, sua direção é de “tonificação”, o que pode ser depreendido pela forma acentuada de como atua. A

direção da ideologia contrária à guerra recua, ou seja, caracterização pela “atonização”. Da mesma forma, a primeira tem elã de “movimento”, pois passa a agir e o faz até o final da narrativa, enquanto que o elã da ideologia do narrador sofre “repouso”, embora não se anule. Tem-se, com isto, que a ideologia da guerra mostra-se “superior” em sua posição, restando para a ideologia contrária a posição de “inferior”.

Quanto à temporalidade, tem-se a “apreensão” na direção da ideologia contrária à guerra, enquanto que a ideologia da guerra ganha “foco”. Também a mesma operação acontece com o elã, que é “longo” para a ideologia da guerra, sem, contudo ser “eterno”, pois há a resistência ainda do narrador, sendo a ideologia contrária “breve” neste texto, uma vez que sua atuação vai do início até o momento da convocação do garoto. A posição desta mesma ideologia é, portanto “anterior” e a da ideologia que promove a guerra, “posterior”, visto que esta, ao aparecer no texto, após a primeira, perdura até seu final.

Pela resistência do narrador, não podemos dizer que a direção da espacialidade da ideologia da guerra seja “escancarada”, nem seu elã ser a “ubiquidade”, uma vez que por este motivo a ideologia não atinge em plenitude todos os lugares. Seu elã é, desta forma, de “deslocamento” e sua direção “aberta”, pois desloca-se, como se vê no texto, sobre a sociedade, abrindo-se, assim, a novos espaços.

Enquanto isto, a ideologia contrária à guerra possui sua direção “fechada”, estando no texto, restrita ao narrador, enquanto sofre “repouso” em seu elã, visto que recua frente ao avanço da ideologia da guerra. A posição desta, porém, mostra-se “estranha” aos olhos do narrador, enquanto que a sua própria ideologia lhe é “íntima”.

4 – O TEMA DA MORALIDADE

4.1 - Análise de *A indecência*

4.1.1 - Letra

A indecência pode ser saudável

A indecência pode ser normal

Um pouco de indecência é sempre necessário

para manter uma vida normal

para manter uma vida normal, saudável

A castidade pode ser bonita

A castidade pode ser normal

Na hora certa ela é necessária

para manter uma vida normal

para manter uma vida normal, saudável

Tudo é permitido

Se o sentimento for verdadeiro

mas se o cérebro vier primeiro

é tudo proibido

4.1.2 - Nível discursivo

A letra da música *A indecência* possui seu nível discursivo estruturado em depreagens enuncivas, não se encontrando nela marcas explícitas da enunciação. Com este recurso, é gerado efeito de objetividade em seu texto, referindo-se todos os seus verbos a um assunto, sempre flexionados em terceira pessoa.

Em sua semântica discursiva predominam os temas, ficando as figuras restritas a poucas ocorrências, como nos versos 8 e 13:

Na hora certa ela é necessária (v. 8)

Mas se o cérebro vier primeiro (v. 13) (grifos nossos)

Os temas abordados giram em torno de um principal, a moralidade, que é depreendido pela isotopia criada por expressões como “indecência”, “vida normal”, “castidade”, “permitido” t “proibido”. Todas estas expressões, juntas remetem ao tema, pois podem ser classificadas como expressões que se referem a uma moral específica, a um universo de valores cujos elementos situem-se entre o que é aceito e o que não o é.

O segundo tema é a indecência, formado pela isotopia criada pela própria palavra “indecência” e pela relação com os demais temas. Note-se que as palavras possuem seu sentido formado no próprio texto, o que nos permite afirmar que, além de sua ocorrência propriamente dita, a isotopia é formada pela relação com os outros elementos que, no texto, apresentam traços comuns de sentido.

O terceiro tema, desencadeado pela palavra “saudável” ainda no primeiro verso, chamaremos de “saúde”, ressaltando que este tema refere-se não tanto ao aspecto biológico, mas àquilo que é salutar, ao que é conveniente e bem aceito em uma sociedade. A palavra “saudável” é repetida nos versos 1, 5 e 10, e caracteriza os elementos “indecência” e “vida”, sendo nesta última categorização, repetida nos versos 5 e 10:

A indecência pode ser saudável (v. 1)

para manter uma vida normal, saudável (v.5) (grifos nossos)

Um outro tema é o da normalidade, que se refere a um padrão de comportamento aceito socialmente. Este tema é depreendido principalmente das ocorrências da palavra “normal”, nos versos 2, 4, 5, 7, 9 e 10, quando caracteriza os elementos “indecência” e “vida”. Este tema caracteriza, no texto, aquilo que é tido como recorrente e padrão na vida social, de acordo com a ideologia presente neste discurso.

A castidade, conforme ocorrência nos versos 6 e 7, é outro tema abordado e que se refere à moralidade sexual presente na ideologia vinculada, no que diz respeito a um comportamento sexual regrado e socialmente aceito.

Outro tema abordado é a racionalização, como pode ser visto nos versos 12 e 13:

se o sentimento for verdadeiro (v. 12)

mas se o cérebro vier primeiro (v. 13) (grifos nossos)

A oposição feita entre as palavras “sentimento” e “cérebro” remete à oposição

entre “racional” e “irracional”. Esta oposição, como se verá, faz com que a racionalização seja disfórica e a impulsividade eufórica.

O último tema que levantaremos de forma mais detalhada é o que chamaremos de “conduta”, por referir-se ao que, segundo um conjunto de regras sociais, é permitido ou proibido:

Tudo é permitido (v. 11)

é tudo proibido (v. 14) (grifos nossos)

Há, no texto, outros temas que não detalharemos aqui, como a “beleza”, por considerarmos aqueles já detalhados mais pertinentes para esta análise.

Todos estes temas os quais detalhamos convergem para o primeiro que abordamos: a moralidade. Por referirem-se, neste texto, ao âmbito privado do indivíduo, remetem a uma moral social que dita o que é “certo” e “errado” não só no tocante à sua vida social, mas também à sua vida particular.

Entretanto, o texto não opera com valores morais de acordo com o senso comum da sociedade que o produziu. A indecência, comumente tida como de valor negativo, neste texto é apresentada de maneira eufórica, e não disfórica:

A indecência pode ser saudável (v. 1)

A indecência pode ser normal (v. 2)

Relacionando-se com a normalidade e sendo salutar, adquire valor positivo. A expressão “pode ser” abre possibilidade para que isto seja possível, admitindo-se certa probabilidade disto acontecer. Mais do que a possibilidade, a indecência faz-se necessária para que o indivíduo se realiza plenamente, como apontam os versos abaixo:

Um pouco de indecência é sempre necessário (v. 3)

para manter uma vida normal (v. 4)

para manter uma vida normal, saudável (v. 5)

Por estes versos, depreende-se que a normalidade da vida e seu aspecto saudável dependem da indecência, uma vez que um pouco desta “é sempre necessário”. A indecência, portanto, não compete com os valores morais relacionados no texto, mas, pelo contrário, faz parte de seu conjunto, como valor positivo. A indecência, desta forma, é tratada na semântica discursiva de forma eufórica.

De modo parecido é vista a castidade:

A castidade pode ser bonita (v. 6)

A castidade pode ser normal (v. 7)

Diferentemente da indecência, que se relaciona com “saudável”, a castidade encontra, como primeira característica, o adjetivo “bonita”. A relação é, portanto, com uma característica estética, que, assim como “saudável”, mostra um valor positivo dado à castidade, fazendo com que ela, assim como a indecência, seja um elemento eufórico. Desta forma, análoga à indecência, a castidade é relacionada à normalidade e à “vida saudável”:

Na hora certa ela é necessária (v. 8)

para manter uma vida normal (v. 9)

para manter uma vida normal, saudável (v. 10)

A indecência e a castidade não estão em relação polêmica, mas complementar, uma vez que as duas são necessárias para “manter uma vida normal, saudável”. Entretanto, embora os versos 4 e 5 sejam construídos da mesma forma que os versos 9 e 10, os versos 1 e 6 apontam uma sutil diferença entre a indecência e a castidade, a qual mostramos baixo em grifos nossos:

A indecência pode ser saudável (v. 1)

A castidade pode ser bonita (v. 6)

Como dissemos, a castidade é vista sob uma característica estética, uma vez que é “bonita”. Já a indecência é retratada sob uma ótica que podemos dizer “de saúde”, como algo que “faz bem”. Embora as duas características sejam eufóricas, o que permite os dois elementos não estarem em relação polêmica é a diferença dos pontos de vista sob os quais são retratados. Outras diferenças podem ser encontradas comparando-se os versos 3 e 8:

Um pouco de indecência é sempre necessário (v. 3)

Na hora certa ela é necessária (v. 8) (grifos nossos)

Uma das diferenças diz respeito à quantidade em que a indecência e a castidade são necessárias. A primeira possui como quantificador a expressão “um pouco” e a segunda não é quantificada. A castidade, portanto, quando necessária, é necessária em sua totalidade,

enquanto que a indecência, em menor quantidade, apenas “um pouco”.

A outra diferença recai sobre o tempo da necessidade. Sendo “sempre necessário”, o pouco de indecência possui aspecto contínuo, isto é, a necessidade perdura durante todo o tempo, na mesma quantidade, sem oscilações. Por outro lado, a castidade é necessária pontualmente, “na hora certa”, ou seja, de forma descontínua, embora em maior quantidade.

Isto permite aferir que, no universo de valores retratado, na ideologia veiculada pelo texto, a indecência e a castidade podem conviver, mas não da mesma forma. Em primeiro lugar, a indecência é permitida, mas não em grande quantidade, senão só o necessário para manter o equilíbrio com a castidade, que, por ser necessária em sua integralidade, só é permitida de forma descontínua.

A ideologia estabelece, portanto, modos de ocorrência para a duas, regrado a quantidade e o modo em que devem ocorrer, para manter o equilíbrio social, ou, nas palavras do texto, a “vida normal”. Castidade e indecência poderiam, assim, conviver em relação de complementaridade, desde que respeitadas as regras de ocorrência.

Os quatro últimos versos estabelecem o que é permitido e o que é proibido no sistema ideológico apresentado no texto:

Tudo é permitido (v. 11)

se o sentimento for verdadeiro (v. 12)

mas se o cérebro vier primeiro (v. 13)

é tudo proibido (v. 14)

O primeiro aspecto a ser depreendido dos versos 11 e 14 é o fato de que a ideologia retratada possui um conjunto de coisas proibidas e um conjunto de coisas permitidas. Tanto a indecência como a castidade podem fazer parte destes conjuntos, de acordo com as condições ditadas nos versos 12 e 13.

A condição para algo ser permitido é “se o sentimento for verdadeiro”, que remete à exigência de a ação efetuada pelo indivíduo partir de sua própria vontade, livre de coerções e tendo sua manifestação condizente com sua imanência, isto é, a demonstração do seu querer precisa condizer com aquilo que se quer.

Por outro lado, a expressão “se o cérebro vier primeiro” remete à racionalização, condição para a proibição das ações segundo este sistema ideológico. Torna-se proibido tudo aquilo que diverge da vontade do indivíduo, mas que é determinado por coerções sociais e morais. A relação pode ser representada da seguinte forma:

<u>permitido</u>	=	<u>proibido</u>
voluntário		racional

Utilizamos a palavra “voluntário” por esta se referir à vontade, isto é, ao “sentimento verdadeiro” do sujeito, o que nos permitirá utilizar, neta análise, também a palavra “desejo”. A racionalização, por sua vez, é figurativizada em “cérebro”. Ressalte-se que a racionalização não é proibida, mas deve ter importância menor que aquela dada ao desejo, o que pode ser visto pela expressão “se... vier primeiro”.

A ideologia mostrada neste texto não define a castidade e a indecência de forma

que, ao se admitir uma, exclui-se a outra, mas permite a coexistência e abre a possibilidade de as duas serem tanto eufóricas como disfóricas.

O que permitirá a euforia ou a disforia em relação à indecência e à castidade, segundo o texto, é o grau em que estão comprometidas com a vontade, ou o desejo do indivíduo, ou com a racionalização. Se relacionadas em maior grau com o desejo, serão eufóricas, mas, se ao contrário, forem advindas da racionalização, então serão disfóricas. Isto ocorre porque tanto a racionalização quanto a proibição, no texto, são disfóricas. Logo, os elementos a que elas se relacionam também serão mostrados de forma disfórica.

4.1.3 - Níveis intermediários

Este texto não se trata de uma história contada, nem possui, em seu nível discursivo, personagens figurativas, como aconteceria em uma narrativa. Entretanto, vimos que sua semântica discursiva é formada por vários temas que se relacionam entre si e mostram um universo de valores, isto é, uma ideologia.

Quanto aos níveis intermediários, há, do verso 1 ao 12, a realização do fazer emissivo, uma vez que não há forças contrárias às ações desempenhadas. Não há impedimentos para a indecência ser saudável ou normal, ou para a castidade ser bonita ou normal, por exemplo.

Tudo ocorre sem interrupção do “fazer”, de modo contínuo. Não há, também, neste versos, elementos disfóricos, como vimos na semântica discursiva. Os versos 13 e 14, entretanto, introduzem o fazer remissivo:

mas se o cérebro vier primeiro (v. 13)

é tudo proibido (v. 14)

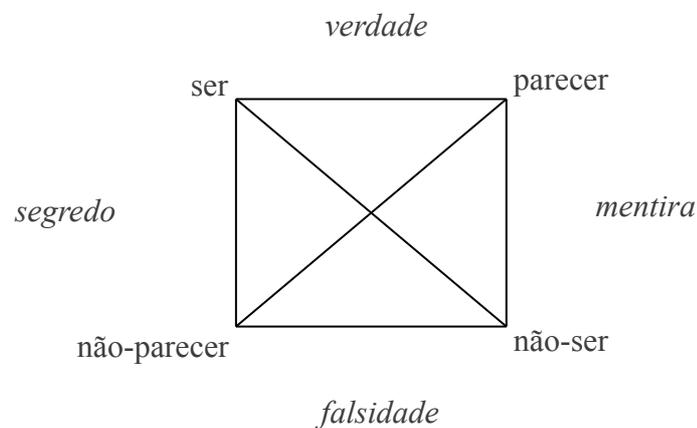
A proibição citada no verso 14 equivale à interrupção das ações até então em execução. Ocorre a suspensão do fazer emissivo e passa a atuar o fazer remissivo, isto é, passa a ser promovida a cessação do “fazer”.

O cadastro modal do fazer remissivo apresenta, quanto às modalidades factivas, o “dever” como modalidade factiva pragmática. Este “dever” remete-se à racionalização que

apontamos na análise do nível discursivo. O fazer missivo, portanto, confirma a análise, uma vez que o “dever” deste nível intermediário gera, na semântica discursiva, a condição para que ocorra a disforia, relacionada com a “proibição” vista no nível discursivo.

Por outro lado, a modalidade factiva pragmática do fazer emissivo é o “querer”, o que se relaciona com o desejo visto no nível superficial. Desta forma, o fazer emissivo gera, na semântica discursiva, a euforia, ligada à “permissão” das ações.

Os quatro últimos versos correspondem, no nível narrativo, a uma sanção, em que a performance do sujeito é julgada segundo as modalidades veredictórias por um destinado-julgador. Estas modalidades são representadas da seguinte forma (GREIMAS & COURTÉS: 2008, p. 532):



As modalidades veredictórias apresentadas no quadrado semiótico, conforme o modelo acima, operam com as instâncias do “ser” e do “parecer”, assim como com os seus respectivos contraditórios.

De acordo com o exposto pelo texto, a sanção só é positiva caso sejam contempladas as condições de a ação do sujeito ser e parecer ao mesmo tempo, relacionando o “sentimento” à verdade. Por isto, o sujeito precisa manifestar o “sentimento” em consonância com sua imanência, com seu “ser”. Caso contrário a ação adquire a qualidade de “não-ser” ou “não-parecer”, ou mesmo ambas, saindo da dimensão da verdade, o que ocasionaria uma sanção negativa pelo destinador-julgador.

4.1.4 - Nível tensivo

As relações entre os temas vistos na semântica discursiva apontam para a existência de um tema maior, a moralidade. Além disso, vimos que os elementos “indecência” e “castidade” são ambos eufóricos e a sanção positiva ou negativa dependerá de serem considerados, de acordo com as modalidades veredictórias, verdadeiros.

Neste sentido, o texto estabelece duas grandes oposições, como já vimos nos últimos quatro versos. A primeira delas contrapõe a racionalização e o desejo (ou vontade), e a segunda, a permissão e a proibição:

1) racionalização vs. desejo

2) proibição vs. permissão

Relacionando-se estas duas oposições, temos:

<u>racionalização</u>	=	<u>desejo</u>
proibição		permissão

A racionalização está para o desejo, assim como a proibição está para a permissão. A mesma relação pode ser obtida em termos de “verdade” e “não-verdade”, se levarmos em consideração as modalidades veredictórias e a sanção:

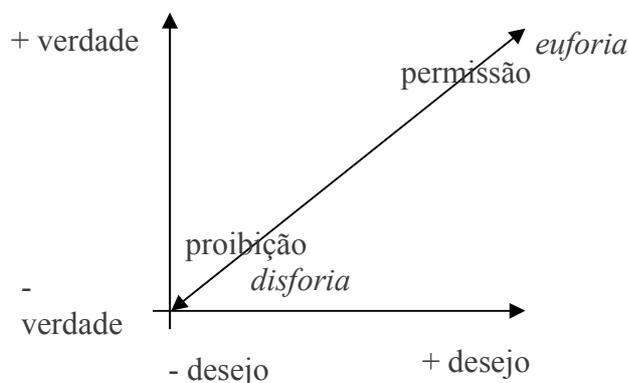
1) <u>racionalidade</u>	=	<u>desejo</u>
não-verdade		verdade

2) proibição = permissão

não-verdade verdade

Assim, percebemos que as oposições fundamentais se dão entre “verdade” e “não-verdade”, decorrendo dela as oposições entre “racionalização” e “desejo” e entre “proibição” e “permissão”.

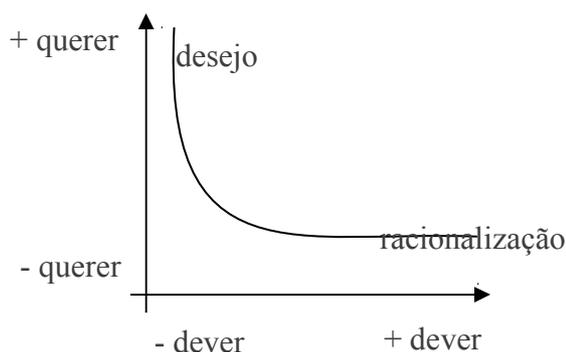
O texto trata, portanto, tanto a “verdade” e o “desejo” como eufóricos e a “não-verdade” e a “racionalização” como disfóricos. Relacionadas a estes elementos estão a permissão e a proibição, cuja ocorrência e foria decorrem da relação estabelecida com os primeiros elementos:



Desta forma, temos que a “proibição”, disfórica de acordo com a ideologia apresentada, e a “permissão”, por sua vez eufórica, ocorrem na medida em que ocorrem o “desejo” e a “verdade”, estando estes últimos em relação diretamente proporcional.

O “desejo” de que tratamos aqui corresponde ao “sentimento verdadeiro”, segundo o verso 12. Isto equivale a dizer que o sujeito quer desempenhar a ação e de fato a

desempenha, em consonância com este “querer” e não com um “dever” advindo de coerções morais sociais ou de sua própria consciência. Relacionando-se “dever” e “querer”, temos a seguinte relação:



A relação entre “querer” e “dever” é inversa, isto é, para que o “desejo” ocorra, é necessário um alto grau de “querer” e um baixo de “dever”. O inverso disto determina a racionalização e o aumento do “dever” ou do “querer” determina, nos níveis intermediários, o fazer remissivo e o emissivo, como visto.

Isto ocorre porque a “verdade” e o “desejo” promovem a “permissão”, que, por sua vez, está relacionada à parada da parada, na sintaxe fundamental, o que gerará o fazer emissivo. Por outro lado, a “não-verdade” e a “racionalização” promovem a “proibição”, que relaciona-se à parada, na sintaxe fundamental, que, por sua vez, gera o fazer remissivo.

Ainda que neste texto não se mostre uma ideologia em oposição a outra, podemos, embora com menos recursos e exemplos, analisá-la em termos de intensividade e extensividade, segundo sua direção, posição e elã.

Na dimensão extensiva, temos que em sua temporalidade a ideologia comporta-se como “imortal” quanto a sua posição, uma vez que não se situa em tempo determinado. Da mesma forma, será “eterna” quanto ao elã, visto que não admite término, mas é como algo que perdura para sempre. Seguindo a mesma operação, a da exacerbação, temos que, quanto à direção, a ideologia caracteriza-se pela “antecipação”, o que pode ser percebido pelo fato de antecipar a sanção dada ao desempenho do sujeito quando determina o que é permitido e o que é proibido.

A expressão “tudo é permitido” mostra que, quanto à espacialidade, a direção é “escancarada”, já que a ideologia se abre para comportar e sancionar todas as coisas segundo as regras que estabelece quanto à verdade e o desejo. Do elã, pode-se dizer que ele se remete à “ubiquidade”, atuando a ideologia em todos os lugares. Tanto a “ubiquidade” quanto a direção “escancarada” podem ser depreendidas pelo fato de, no texto, a ideologia exposta não ter confronto com outras, mas atuar livremente. A posição pode ser considerada como “íntima”, uma vez que a ideologia está em grande proximidade com o sujeito.

Podemos entender, desta forma, que, na dimensão intensiva, a tonicidade tem a “tonificação” como direção, sem que esta seja extrapolada para a “avultação”. Do mesmo modo, o elã nos parece ser o “movimento”, uma vez que a ideologia é atuante, mas, como não está em confronto com outra, neste texto, não nos parece ser o caso de o elã caracterizar-se pelo “ataque”. Poderíamos, portanto, dizer que esta ideologia se mostra “superior” quanto a sua posição, já que se manifesta como um ideal de pensamento.

Em seu andamento, sua posição seria de “adiantamento”, tanto por “prever” futuras ações que passariam por sua sanção, como por não se situar nem no “anacronismo”

nem no “atraso”, e por não se entender como “prematura”. A direção, da mesma forma, caracteriza-se pela “aceleração”, que manteria o “movimento” de sua tonicidade, sem cair, entretanto, na “precipitação”.

O elã, aqui, remeteria à “rapidez”. Não entendemos que seria o caso de “vivacidade” porque, desta forma, a ideologia seria taxativa já nos primeiros versos do texto, mas, pelo contrário, buscou condicionar as ações com a repetição da expressão “pode ser”, o que retira sua caracterização de “vivacidade”, já que esta está ligada à exacerbação.

Não há, no texto, elementos para verificar como esta ideologia caracterizaria uma outra que lhe fosse antagônica. Mas, sobre si, podemos verificar que, no que diz respeito à dimensão intensiva, a relação é de restabelecimento e, no tocante à dimensão extensiva, de exacerbação.

4.2 - Análise de *Imorais*

4.2.1 - Letra

Os imorais

Falam de nós

Do nosso gosto

Nosso encontro

Da nossa voz

Os imorais

se chocam

por nós

Por nosso brilho

Nosso estilo

Nossos lençóis

Os imorais

sorriram pra nós

Fingiram trégua

Fizeram média

Mas um dia, eu sei

A casa cai

E então

A moral da estória

Vai estar sempre na glória

De fazermos o que nos satisfaz

4.2.2 - Nível discursivo

O nível discursivo de *Imorais* caracteriza-se por ser construído por debreagens enunciativas, que marcarão um grupo *nós*, em que se inclui o narrador, um *tu* pressuposto, com quem dialoga este narrador e um grupo *eles*, ou *os imorais*, de quem fala o narrador.

Estas debreagens podem ser vistas durante todo o texto e são realizadas por meio do pronome de primeira pessoa, assim como pelo pronome possessivo e pelas respectivas flexões verbais, como pode ser visto abaixo, nos elementos que grifamos:

Falam de nós (v. 2)

Por nosso brilho (v. 9)

Mas um dia, eu sei (v. 16)

Fazermos o que nos satisfaz (v. 21)

Os exemplo se dão tanto para o singular como para o plural. Isto ocorre porque o narrador pertence a um determinado grupo social, o qual expressa como “*nós*”. Desta forma, ele está incluído na ideologia deste grupo a que pertence, a qual será oposta à do grupo dos *imorais*.

A semântica discursiva nos mostra um maior número de elementos que caracteriza o grupo *nós*, os quais podemos separar em algumas categorias. A primeira delas relaciona os elementos grifados abaixo:

Do nosso gosto (v. 3)

Da nossa voz (v. 5)

Nosso estilo (v. 10)

(...) o que nos satisfaz (v. 21)

Estes elementos apontam para características particulares dos indivíduos a que se referem. Deste modo, *os imorais* passam a caracterizar o outro grupo pelo que eles tem de mais íntimo, isto é, aquilo que os difere enquanto indivíduos, e enquanto grupo social diverso.

Uma segunda categoria diz respeito a elementos que mostram de forma mais acentuada a percepção que o grupo rival tem do rivalizado:

Nossa voz (v. 5)

Nosso brilho (v. 9)

O elemento “voz” vale-se da percepção auditiva que *os imorais* tem do grupo *nós*, enquanto que “brilho” remete à percepção visual, ou ainda, de uma percepção do status do grupo, se entendido como “sucesso”. Estes elementos tratam, portanto, da percepção da relação social entre os dois grupos.

A terceira categoria elenca expressões referentes à afetividade do grupo:

Nosso encontro (v. 4)

Nossos lençóis (v. 11)

É exposta aqui a dimensão afetiva do grupo, pois são evidenciados os relacionamentos interpessoais. Pode-se também entender “lençóis” como referência à dimensão sexual do grupo. Tudo isto mostra que é feito um juízo de valor por parte dos *imorais* quanto aos valores morais de *nós*.

Ocorre, no texto, uma oposição entre os dois grupos, sendo eles de ideologias diversas. Por um lado, o grupo do narrador retrata o outro como “imorais”, tratando-o de forma disfórica, enquanto que este categoriza o primeiro grupo justamente por aquilo que lhe é mais íntimo, ao que se posicionam contra, como expressam os versos abaixo:

Os imorais (v. 6)

se chocam (v. 7)

por nós (v. 8)

A diferença de ideologia se dá ao ponto de *os imorais* ficarem chocados com as atitudes e modo de vida do outro grupo. Este, por sua vez, remete a imoralidade ao primeiro, isto é, faz também o seu juízo de valor sobre o outro grupo de modo disfórico.

Ressalte-se, porém, que os elementos que o texto apresenta como característica dos *imorais* são dados pela ótica do narrador, inclusive a percepção que *os imorais* fazem do segundo grupo. Com isto, também as ideologias apresentadas da mesma forma, mostrando que os textos são construídos sob algum ponto de vista, não havendo a possibilidade de serem “isentos ideologicamente”.

4.2.3 - Níveis intermediários

Os níveis intermediários mostram a atuação de duas forças: o fazer emissivo, correspondente às ações do grupo *nós*, que promove as ações do sujeito, como ter seu gosto, seus encontros, seu brilho e estilo. E há o fazer remissivo, próprio do anti-sujeito, figurativizado no nível discursivo como *os imorais*, que procura cessar as as ações do sujeito ao estabelecer um anti-programa narrativo.

O fazer emissivo realiza toda a sua modalização. Em sua modalidade factiva cognitiva, desempenha o “prever”, que pode ser depreendido como a visão que *nós* tem de que *os imorais* podem agir a qualquer momento. Já quanto à modalidade factiva pragmática, parece-nos que não há, da parte de *nós*, disjunção com o “querer”, mas o grupo se mostra determinado a continuar suas ações.

Disto é revelado o “crer” como modalidade pática cognitiva, justamente com o “esperar”, modalidade pática pragmática. O grupo não só acredita em suas ações, como também espera que o fazer remissivo seja continuamente suspenso, como mostram os versos abaixo:

Mas um dia, eu sei (v. 16)

A casa cai (v. 17)

Ao invertermos a posição do sujeito e do anti-sujeito, percebemos que o “chocar-se” dos *imorais* corresponde ao seu fazer remissivo, pois pode ser entendido como a modalidade pática cognitiva “espantar-se” e a modalidade pática pragmática “interromper-se”

deste grupo, uma vez que suas ações são suspensas, como mostra o seguinte verso, sobressaindo, portanto, o fazer emissivo de *nós*:

Fingiram trégua (v. 14)

Os imorais também são sancionados por *nós*, que, segundo as modalidades veredictórias, fazendo um julgamento negativo do grupo:

Os imorais (v. 12)

Sorriram pra nós (v. 13)

Fingiram trégua (v. 14)

Fizeram média (v. 15)

A reconciliação dos *imorais* é vista como falsidade por *nós*, como mostram “fingir” e “fazer média”. Tem-se, com isto, a falsidade, uma vez que a ação é caracterizada por “não-ser” e “não parecer”, de acordo com a percepção que *nós* faz do outro grupo. A sanção é, desta forma, negativa sobre *os imorais*, como mostram os versos 16 e 17:

Mas um dia, eu sei (v. 16)

A casa cai (v. 17)

4.2.4 - Nível tensivo

A semântica tensiva mostra que a oposição fundamental se dá entre “moralidade” e “imoralidade”, sendo esta última atribuída por um grupo ao outro, e a primeira, reivindicada por ambos. Sendo o texto, entretanto, narrado sob a ótica do grupo *nós*, manteremos esta mesma ótica em nossa análise.

A imoralidade, assim como *os imorais*, relaciona-se com o valor de morte da semântica tensiva, sendo, por isto, disfórica. O grupo *nós*, ao atribuir a si a moralidade, liga-se ao valor de vida da semântica tensiva e retrata-se, no nível discursivo de modo eufórico.

Temos com isto, a relação seguinte:

<u>moralidade</u>	vs.	<u>imoralidade</u>
vida		morte

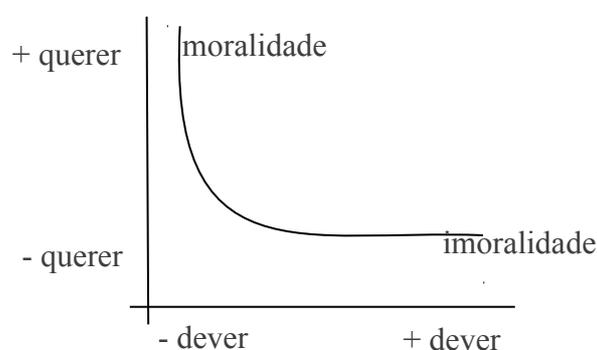
Dada a relação da moralidade com o grupo *nós* e da imoralidade com o grupo oposto, podemos entender a oposição da seguinte forma:

<u>vida</u>	vs.	<u>morte</u>
<i>nós</i>		<i>os imorais</i>

Os valores e as ações que se referirem ao grupo dos *imorais*, como sua ideologia, também receberão os mesmos valores e serão, na semântica discursiva, disfóricos. Ao contrário, a ideologia de *nós*, bem como suas ações e os elementos relacionados ao grupo,

serão tratados de forma eufórica na superfície do discurso.

A sintaxe tensiva mostra a parada da parada, ou seja, a distensão, como a operação vigente, o que acarreta, nos níveis intermediários, no fazer emissivo. O grupo *nós* não é interrompido pelos *imorais*, mas continuam suas ações, a despeito do fazer remissivo que caracteriza o grupo oposto. O percurso se dá da seguinte forma:



Com isto, a ideologia de *nós*, caracteriza-se, quanto sua intensidade, sob os aspectos do restabelecimento, ou seja, seu elã é de “rapidez” frente a “lentidão” da ideologia oposta, assim como tem a posição de “adiantamento”, ficando a ideologia dos *imorais* caracterizada pelo “atraso”. A direção é, desta forma, de “aceleração”, enquanto que a outra ideologia sofre “desaceleração”.

Em sua tonicidade, a ideologia do grupo do narrador é mostrada como “superior” em sua posição, e, em seu elã, apresenta “movimento”. Fica a outra ideologia com o elã de “repouso”, como aponta a “trégua” estabelecida, sem que deixe de ser vista como “inferior”. A direção da tonificação da ideologia de *nós* caracteriza-se pela tonificação, uma vez que é acentuada no texto, enquanto que a ideologia rival é mostrada por “atonização”, como tivesse

sido neutralizada.

Em sua temporalidade, a ideologia dos *imorais* aparece como “breve” em seu elã, pois, embora esteja em suspensão, não foi extinta, não podendo ser considerada, neste caso, como “efêmera”, nem a ideologia de *nós* como “eterna”, visto que só há uma previsão por parte deste grupo de o relaxamento será alcançado.

Da mesma forma, não pode ser considerada como “imortal” em sua posição, nem a ideologia dos *imorais* “obsoleta”, visto que esta ainda resiste apesar da “trégua”. O tempo da narrativa aponta que a ideologia do grupo do narrador está, em sua direção, em “foco”, uma vez que ela sobressai, durante o texto, à ideologia oposta, que estaria em “apreensão”, seja para ser extinta, como prevê o grupo *nós*, seja para voltar a atuar.

A espacialidade mantém a posição de “intimidade” para a ideologia própria de cada grupo, reservando a “estranheza” para a percepção da ideologia do grupo oposto. Tendo em vista o fazer emissor de *nós*, podemos afirmar que seu elã é de “deslocamento”, enquanto que a ideologia oposta, assim como o respectivo grupo, sofre “repouso”. Por não haver tomado também o lugar próprio da ideologia rival, a ideologia de *nós* apresenta-se como “aberta”, e não escancarada, levando a ideologia oposta a ter a direção “fechada”.

4.3 - Análise de *Não há perdão para o chato*

4.3.1 - Letra

Respeito o cara que é padre

Porque não sente tesão

Respeito quem rouba com fome

Quem consegue dizer não

Tem o meu respeito quem pede esmola

Quem ganha a sua mesada

Mas tem que ser mão aberta com a rapaziada

Só não há perdão para o chato

Perdão para o chato

Não há perdão

O reino dos céus é do chato

Do chato, do chato

Do otário e do cagão

Respeito que é radical

Respeito quem ama errado

Respeito o cara careta

E o cara exagerado

Quem não gosta de criança

E quer viver solitário

Quem odeia rock' n' roll

Mas gosta de um rebolado

Só não há perdão para o chato

Perdão para o chato

Não há perdão

O reino dos céus é do chato

Do chato, do chato

Do otário e do cagão

Respeito o cara-de-pau

Respeito o mal-humorado

Respeito a quem só reclama

Por ser mal remunerado

Tem o meu respeito quem quebra tudo

Na noite dos desesperados

E também o cara burro

Que sabe ser engraçado

Só não há perdão para o chato

Perdão para o chato

Não há perdão

O reino dos céus é do chato

Do otário e do cagão

4.3.2 - Nível discursivo

O texto *Não há perdão para o chato* é construído com a predominância de debreagens enunciativas, que mostram a presença de um “eu” através da flexão verbal e do possessivo de primeira pessoa.

Marca-se, desta forma, também um “tu”, isto é, um interlocutor, que não aparece figurativizado no texto, mas que é depreendido pela contraposição que faz ao “eu” no discurso. O “eu” do discurso fala ao “tu” sobre um determinado “ele”, que, neste caso, será o “chato” e a relação que tem com ele.

O discurso expõe, assim, uma ideologia que organiza certos elementos de acordo com valores positivos ou negativos, como, por exemplo, a figura do “chato” e os diversos temas presentes no texto.

O primeiro verso é iniciado pelo verbo flexionado “respeito”, que se repetirá em vários outros versos, mostrando os valores do sujeito em referência aos temas abordados:

Respeito o cara que é padre (v. 1)

Porque não sente tesão (v. 2)

O primeiro tema categorizado pela ideologia é o sexual, caracterizado pela palavra “tesão”. A abstinência sexual por motivo religioso (figura do “padre”) não é tratada de forma disfórica, pertencendo por isto à categoria de elementos valorizados positivamente.

Embora não haja uma euforia enfática, o fato de o sujeito respeitar os valores morais mostrados é suficiente para ter como eufórico tal elemento. O que consideramos nesta análise da semântica discursiva é a não-categorização como elemento de valor negativo, ainda que não seja mostrado de forma entusiasmada pelo narrador.

Há, também o tema da justiça social, como apontado pelos versos 3 e 4:

Respeito quem rouba com fome (v. 3)

Quem consegue dizer não (v. 4)

A justiça social, aqui, não é aquela promovida pelo Estado, mas realizada pelo próprio indivíduo frente ao descaso e avareza de seus pares, como exemplificado pelo verso 4. Esta ideologia trata de forma eufórica o ato do indivíduo menos favorecido também no verso 5:

Tem o meu respeito quem pede esmola (v. 5)

Pedir esmola não é disfórico como muitas vezes feito pelo senso comum face a ausência de trabalho do indivíduo. Um elemento comum entre o ato de pedir esmola e o de roubar com fome é a sobrevivência do indivíduo frente à miséria, o que justificaria tais atos de acordo com esta ideologia. Nota-se, ainda, que a avareza não é aceita, como mostrado nos versos de 6 a 8:

Quem ganha a sua mesada (v. 6)

Mas tem que ser mão aberta (v. 7)

Com a rapaziada (v. 8)

O fato de se ganhar mesada, isto é, de se ter uma renda dada, geralmente pelos pais, não é condenável, desde que a renda possa ser revertida em prol do convívio social, ou em benefício de amigos ou pessoas próximas. A condenação da avareza se dá já no verso 4, sendo o avarento definido como “quem consegue dizer não” diante de quem tem fome.

Dos versos 9 a 14 temos o refrão, que é repetido nos versos de 23 a 28 e de 37 a 42. É neste refrão que aparece a figura do “chato”, sobre o qual recai a crítica mais incisiva do narrador, do qual não merece seu perdão, isto é, o “chato” não é aceito segundo o sistema de valores desta ideologia, sendo, desta forma, disfórico:

Só não há perdão para o chato (v. 9)

Perdão para o chato (v. 10)

Não há perdão (v. 11)

O reino dos céus é do chato (v. 12)

Do chato, do chato (v. 13)

O texto é taxativo: “não há perdão para o chato”. A frase é repetida várias vezes no refrão, enfatizando a disforia em relação ao chato. Nota-se, no verso 9, o primeiro do refrão, a expressão “só não há”, indicando que a rejeição maior se dá em relação ao chato, isto é, todo o mais pode ser tolerado ou aceito, com exceção do “chato”.

Já o verso 12, ao dizer que “o reino dos céus é do chato”, estabelece disforia em relação ao “reino dos céus”, indo contra o senso comum que o trataria de forma eufórica. O

“reino dos céus” é visto de acordo com esta ideologia como elemento de valor negativo.

O verso 14, ao ligar o “chato” ao “otário” e ao “cagão”, dá as diretrizes para a definição do “chato” como aquele a quem falta caráter e coragem, uma vez que o texto continua e elenca diversas outras situações, inclusive, como mostra o verso 30, respeitando “quem é mal-humorado”, excluindo a hipótese de a “chatice” estar relacionada com o humor.

Demonstra-se, desta forma, dois grupos sociais distintos: um, formado pelo narrador, e que admite a relação de pessoas segundo as características expostas no texto, e outro, pertencente ao “chato”, o qual inclui também o “otário” e o “cagão”.

4.3.3 - Níveis intermediários

O texto mostra, ao considerarmos o narrador como a figurativização do sujeito, um fazer emissivo atuante, que não encontra resistência para que o sujeito efetue a ação, ficando o fazer remissivo, suspenso, relacionado ao “chato”.

Fica evidente, porém, a sanção negativa que o narrador faz do chato, ao dizer que, para ele, não há perdão. Das mais diversas ocasiões e dos mais diversos tipos características apresentadas, a “chatice” é a única rejeitada de modo enfático, sendo os demais elementos, ou aceitos, ou ao menos tolerados.

A sanção negativa e o fazer remissivo relacionados ao “chato” levam à disforia deste e de sua ideologia, assim como dos elementos e ele ligados, como o “otário” e o “cagão”.

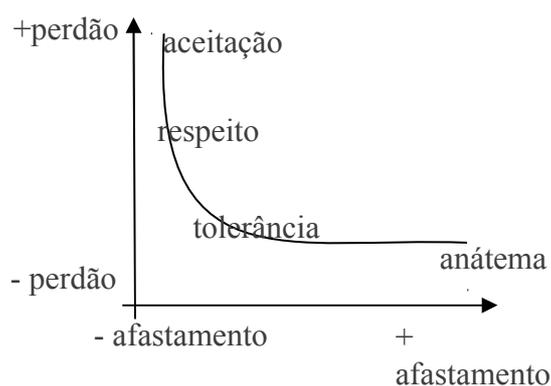
Estes dois últimos apontam para características de integridade e coragem, o que nos permite deduzir que a sanção é feita levando-se em consideração estas características, isto é, o “chato” estaria relacionado à mentira, caso seja íntegro e corajoso, mas não o pareça, ou à falsidade, se nem for e nem parecer íntegro e corajoso.

4.3.4 - Nível tensivo

A semântica tensiva aponta a oposição “chatice” e “não-chatice” como a oposição fundamental do texto, relacionando a “chatice” ao valor de morte, o que produzirá a disforia dos elementos relacionados ao “chato”, e a “não-chatice” ao valor de vida, produzindo para os elementos opostos ao “chato” euforia:

<u>chatice</u>	vs.	<u>não-chatice</u>
morte		vida

A sanção dada ao chato, pela ausência de perdão, equivale ao que chamaremos de “anátema”. O destinador, entretanto, para outras situações, vale-se do respeito e da tolerância, o que mostra que pode haver um grau maior ou menor de perdão, em relação aos elementos sancionados:



Em termos de perdão e afastamento do grupo social, haveria uma escala, que vai da plena aceitação do indivíduo no grupo, passando pelo respeito, pela simples tolerância, até o anátema, que seria a ausência de perdão e o afastamento definitivo, situando-se o “chato”

neste último campo.

Desta forma, para a ideologia do narrado, o andamento, segundo a posição, parece estar em “adiantamento”, prevendo a existência do “chato” e condenando-a. O elã seria, portanto, de “rapidez” e a direção de “aceleração”, uma vez que esta ideologia age de forma rápida no texto, de seu começo ao fim, restando à ideologia do chato a direção de “desaceleração”, a posição de “atraso” e o elã de “lentidão”, uma vez não atua do mesmo modo que a ideologia do narrador.

É de “tonificação” a direção da tonicidade, visto o modo incisivo como a ideologia se comporta, mostrando-se “superior” em sua posição e em “movimento” quanto ao elã, isto é, está presente e ativa no universo que figurativiza no texto. A tonicidade da ideologia do “chato” seria então de “atonização” quanto à direção, de posição “inferior” e seu elã apresentaria “repouso”.

Quanto à temporalidade, o texto mostra em direção de “foco” a ideologia do narrador, com o elã “longo”, ou seja, perdura durante muito tempo, enquanto que a ideologia oposta é apresentada como “breve” e em “apreensão”. A posição da ideologia do narrador seria “posterior”, visto que mais “moderna”, ficando a do “chato” em posição “anterior”, mais antiquada.

Da espacialidade, tem-se que cada ideologia é “íntima” para seu respectivo grupo e “estranha” ao grupo rival, no que diz respeito à posição. O elã da ideologia do narrado é de “deslocamento”, uma vez que perpassa por vários lugares da sociedade mostrada, sem que atinja, entretanto, todos os lugares, como aqueles dos “chatos”. Por isto, sua direção mostra-se

“aberta”, mas não “escancarada”, ficando a ideologia do “chato” com a direção “fechada”, restrita a seu espaço, uma vez que permanece em “repouso” quanto a seu eã.

5 – QUESTÕES SOBRE MANIPULAÇÃO E FIDÚCIA

5.1 - Manipulação

As análises dos textos mostraram que a euforia e a disforia, relacionadas aos elementos da semântica discursiva, partem da oposição fundamental que se dá na semântica tensiva. Desta forma, a moralidade e a imoralidade, por exemplo, podem ser retratadas de diferentes modos, como vimos nas análises dos textos.

Do mesmo modo, a guerra pôde ser retratada de diferentes formas. *A canção do senhor da guerra* mostrou que, se para um dado grupo social ela é vista como benéfica, necessária à economia e ao desenvolvimento tecnológico, para outro, está relacionada à desolação e à morte.

A adesão do leitor do texto, ou, no caso da música, do ouvinte, à uma ou outra ideologia exposta se dará em razão do julgamento que ele próprio fará do texto, de acordo com os valores que já possui.

Deste modo, temos um outro nível de pertinência: o texto agora é o próprio fazer social, sendo o leitor o sujeito deste texto, passando, assim, a sofrer do destinador, entendido como o grupo social produtor do texto, manipulação, a qual se dá segundo o modelo abaixo (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 231):

	Modalidades virtualizantes	Modalidades atualizantes	Modalidades realizantes
m. exógenas	DEVER	PODER	FAZER
m. endógenas	QUERER	SABER	SER

O sujeito necessita querer ou dever realizar a ação, que, neste caso, é a aceitação da ideologia proposta. O querer é dado por iniciativa do próprio sujeito, sempre levando-se em consideração, entretanto, que sua formação é realizada pelos discursos anteriores nele já interiorizados e aceitos, uma vez que o discurso é sempre coletivo, como vimos no capítulo sobre o nível discursivo. Queremos afastar, com esta afirmação, o querer do sujeito de uma visão que o coloque como único responsável por este fator e o aproximando de uma relação dialética entre ele e a sociedade em que vive.

O dever pode ser entendido como a coerção moral propriamente dita, seja ela interiorizada pelo sujeito, quando o dever parte dele próprio, ou uma coerção social, quando a obrigação se dá por razões externas ao sujeito, obrigando-o a realizar alguma ação.

É necessário que o sujeito possa realizar a ação. O poder refere-se à capacidade de execução por parte do sujeito. Do ponto de vista da análise da ideologia, pode ter, como exemplo, a integridade das faculdades mentais para realizar a ação de aceitar a ideologia.

O saber corresponde à quarta modalidade e refere-se ao conhecimento que o sujeito tem para que a ação seja posta em prática. Não é possível, por exemplo, realizar a ação de se chegar a um dado destino se o sujeito não souber o caminho, ou a localização geográfica para onde vai.

Tendo contempladas estas quatro modalidades, o sujeito torna-se atualizado, isto é, capaz de agir. A ação é caracterizada pelas modalidades realizantes, ou seja, o sujeito torna-se pronto para fazer, no caso de a ação ser externa a ele, ou ser, quando a ação implica em uma transformação de si próprio. No caso da ideologia, ambas as modalidades são realizadas, pois o sujeito, ao mesmo tempo que faz a ação de aceitar como sua a ideologia que lhe é proposta, transforma-se, modificando o seu ser.

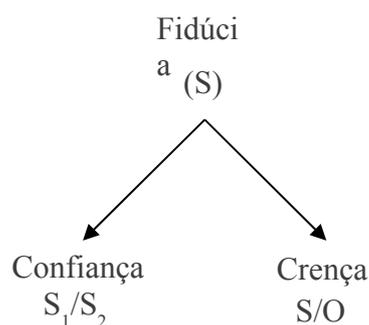
5.2 - O contrato fiduciário

Para que o sujeito seja manipulado pelo seu destinador, é necessário que estabeleça com este um contrato fiduciário, que *põe em jogo um fazer persuasivo de parte do destinador e, em contrapartida, a adesão do destinatário* (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 208)

No momento em que o destinador propõe o contrato, o sujeito o avalia de acordo com as modalidades veredictórias, sancionando o discurso do enunciador positiva ou negativamente, de acordo com as modalidades do *ser* e do *parecer*. Rejeitando o contrato, a manipulação não se realiza, mas, aceitando-o, o sujeito passa à modalização que irá atualizá-lo e prepará-lo para o programa narrativo.

Segundo o *Dicionário de semiótica* (op. cit., p. 209), *a relação fiduciária é a que se estabelece entre os dois planos, o do ser e o do parecer quando, graças ao fazer interpretativo, passa-se de um ao outro, fazendo-se sucessivamente a asserção de um e outro desses modos de existência.*

Realizado o fazer interpretativo do sujeito, tem-se a realização da fidúcia, que desdobra-se entre a crença e a confiança, segundo o modelo de Fontanille & Zilberberg (2001, p. 265:



O modelo mostra que a confiança é a espécie de fidúcia que ocorre entre dois sujeitos, ou seja, entre o destinador e o seu destinatário, que passará a ser o sujeito da ação. A crença, diferentemente, se dá na relação entre o sujeito e o objeto, isto é, enquanto, na confiança, se crê “em alguém”, na crença se crê “em algo”.

Podemos traduzir, portanto, quanto à transmissão da ideologia, que o sujeito que estabelece o contrato com o destinador passa a crer tanto na ideologia quanto no próprio destinador, estabelecendo, desta forma, o contrato fiduciário.

Uma vez estabelecido o contrato e modalizado o sujeito, este parte para a ação, que se traduz como “fazer a conjunção com a ideologia”. Não havendo anti-sujeito que lhe dificulte a ação, como, por exemplo, uma crença ou confiança que sejam incompatíveis com a proposta, é realizada a conjunção, isto é, o sujeito passa a estar unido com o objeto ideologia.

Em nossas análises, sobretudo no estudo dos níveis tensivos, tratamos, várias vezes, do grupo social e sua ideologia da mesma forma, como se não diferenciássemos o sujeito de seu objeto. Isto ocorre porque, em certo momento, ambos confundem-se, como aponta Zilberberg (2006, p. 85), ao afirmar que há *uma certa dose de identidade entre sujeito e objeto: como se a identidade fosse a competência e a dependência, a performance; como se*

a identidade fosse a razão da dependência.

Sujeito e objeto confundem-se, desta forma, numa relação de identidade, permitindo que as características de um sejam também as do outro. Para a ideologia, poderíamos dizer que os indivíduos do respectivo grupo social “são” e “fazem” aquilo que está determinado ideologicamente, uma vez que sua visão de mundo é determinada pelos elementos que, segundo a ideologia em questão, estão organizados em elementos eufóricos, os quais devem ser mantidos ou buscados, e elementos disfóricos, que devem ser destruídos ou repelidos.

Uma vez em conjunção com a ideologia, o sujeito a transmite, pela fidúcia, a outros sujeitos, dadas as relações interpessoais, os quais, por sua vez, estarão diante da manipulação, podendo ou não aceitar o contrato fiduciário, para, desta forma, passarem pela modalização e a conseqüente conjunção com a ideologia, num movimento em cadeia.

CONSIDERAÇÕES

Pretendíamos, com este estudo, levantar algumas questões acerca ideologia e de seu funcionamento no discurso, como os mecanismos que o texto possui, em seu nível discursivo, para se fazer entender enquanto veículo de uma ideologia.

Para isto, escolhemos textos de uma época turbulenta no Brasil, dado a decadência do regime ditatorial e o início de uma democracia, o que nos permitiu verificar, nos discursos expostos, a visão de mundo gerada de acordo com as ideologias em voga, as quais imprimiram nos textos seu momento histórico.

Verificamos com o estudo do nível discursivo que um mesmo elemento pode ser representado e valorizado de diferentes formas, de modo que fica visível, então, a ideologia que o texto propõe.

Do momento histórico pelo qual o país passava quando foram produzidos estes textos, ficou registrado o temo das guerras ocorridas na esfera mundial e a contestação da ideologia promotora da guerra, refutando seus intuitos de crescimento econômico a preço de morte e destruição.

Por outro lado, foi impressa nos textos a transformação moral que acontecia na sociedade, em que a moralidade passou a ser relativizada, e os valores até então vigentes, postos à prova. Os ideais de liberdade e democracia, vividos nas relações interpessoais, passaram às relações intrapessoais, querendo os indivíduos também a liberdade do pensamento além da liberdade social.

O estudo dos níveis intermediários permitiu-nos colocar em prática a análise do fazer missivo do texto, indo, desta forma, para além do que é visto pela semiótica clássica, sem, contudo, deixar de lado os modelos desta. Pareceu-nos, desta forma, que, ao admitir o fazer missivo, o percurso gerativo adquiriu mais flexibilidade e coesão nas passagens de um nível ao outro.

Com o modelo proposto para o nível tensivo, buscamos aprofundar a análise dos foremas, no que tange à sua realização nos textos, tendo, para isto, analisado as ideologias e seus respectivos grupos sociais de acordo com este modelo.

Para a questão da fidúcia, embora não fosse este o foco de nossa pesquisa, levantamos a questão da transmissão da ideologia pela confiança e pela crença, encontrando um modelo condizente com o que havíamos analisado nos textos.

Ficou para nós demonstrado aquilo que Fiorin apontou em *Linguagem e ideologia* quanto ao lugar propriamente dito da ideologia ser a semântica discursiva, mas pudemos perceber que a determinação ideológica se dá desde as estruturas mais profundas do texto, quando, determinada pela axiologia com a qual se relaciona o sujeito, a semântica tensiva, juntamente com a sintaxe, iniciam as operações que relacionam os elementos do mundo com a euforia e a disforia, fazendo com que, posteriormente, o nível discursivo as mostre em temas ou figuras.

Assim, depreendemos que, de acordo com o que é valorizado por determinada sociedade, o texto apresenta a ideologia eufórica de acordo com os valores eufóricos para a sociedade, enquanto que a ideologia que combate será apresentada de acordo com os valores

negativos já existentes na sociedade em questão.

É preciso, entretanto, mais tempo e pesquisa para que possamos nos aprofundar nestas questões, a fim de obtermos respostas mais adequadas do que estas nossas iniciais.

REFERÊNCIAS

ABORTO ELÉTRICO. *Fátima*. Regravado por CAPITAL INICIAL. S.l.: 1986. In: <<http://capitalinicial.uol.com.br/discografia-letras/mtv-especial-aborto-eletrico-2005/?album=974>>. Acesso em 20/12/2009.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

BIQUINI CAVADÃO. *Múmias*. Disco “Cidades em torrente”. Rio de Janeiro: PolyGram, 1986.

CAZUZA. *O tempo não pára*. Disco “O tempo não pára”. Rio de Janeiro: PolyGram, 1988.

_____. *Não há perdão para o chato*. Disco “Por aí”. Rio de Janeiro: PolyGram, 1991.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUNCAN, Zélia e OYENS, Christiaan. *Imorais*. Disco “Acesso”. S. l.: Warner Music, 1998.

ENGENHEIROS DO HAWAII. *Era um garoto, que como eu*. Disco “O papa é pop”. Rio de Janeiro: BMG, 1990.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FONTANILLE, J. e ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/ FFLCH/USP, 2001.

GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J.. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

KID ABELHA. *A indecência*. Disco “Tudo é permitido”. Rio de Janeiro: Nas nuvens, 1991.

LEGIÃO URBANA. *A canção do senhor da guerra*. Disco “Músicas para acampamento”. S. l.: EMI Music, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise dos textos de comunicação*. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

MÉSZÁROS, István. *Filosofia, Ideologia e Ciência Social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

_____. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

RASTIER, François. *Sistemática das isotopias*. In: GREIMAS, A. J. *Ensaio de semiótica poética*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ZILBERBERG, Claude. *Para introduzir o fazer missivo*. In: *Razão e poética do sentido*. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. *Síntese da gramática tensiva*. In: *Significação* n. 25. São Paulo: Annablume, 2006.